



Março - Abril de 2002

Ministério

Uma revista internacional para pastores e obreiros



LEI E EVANGELHO
LIBERDADE
PARA OBEDECER



WILLMORE EVA
Editor de Ministry

Coragem

Conforme disse Ralph Waldo Emerson, “para qualquer coisa que você faça, é necessário ter coragem. Qualquer que seja o curso que você decida seguir, sempre aparece alguém para lhe dizer que você está errado. Sempre existem dificuldades sendo levantadas, as quais tentam lhe fazer acreditar que seus críticos estão cobertos de razão. Planejar um curso de ação e segui-lo até o fim é algo que requer a mesma coragem necessária a um soldado. A paz oferece suas vitórias, mas elas somente serão conquistadas por homens corajosos”.

Qualquer pessoa que ocupe um cargo de liderança, ainda que seja apenas por um ou dois dias, sabe quão verdadeiras são essas palavras. Não é por acaso que a frase “ter a coragem de nossas convicções” já se tornou um clichê (pelo menos na língua inglesa). Um pastor pode se tornar miserável e inútil se ele não lutar por aquilo que acredita ser o melhor. Frequentemente somos ensinados que devemos ouvir, sinceramente e completamente, aqueles aos quais lideramos. E isso é correto. Também devemos estar dispostos a modificar nossa posição, caso seja necessário. Mas é nossa prerrogativa, como líderes, permanecer firmes. E isso, de fato, significa exercer boa liderança.

Às vezes, essa postura exigirá coragem, independentemente da questão envolvida ou do curso de ação a ser seguido. Podemos estar seguros de que alguém vai se opor a nós.

Por natureza, muitos pastores evitam conflitos. Existem aqueles que são pacificadores naturais. Mas a tarefa pastoral requer que sejamos árbitros, especialistas na arte da conciliação e do compromisso construtivo. Ao lado disso, todos nós queremos ser aceitos e amados. Queremos evitar divisões e controvérsias; trabalhamos para criar uma atmosfera de amor e confiança em nossas congregações. Não admira, então, que algumas vezes encontremos dificuldade em tomar posições definidas. Entretanto, tomar posição firme em relação a um bem concebido curso de ação é, não raro, justamente o que uma congregação necessita, especialmente se colocado contra um estilo de liderança do tipo desenxabido, fraco, “deixa estar para ver como é que fica”.

Agüentar firme uma situação, ou defender uma posição, exige coragem, especialmente quando enfrentamos oposição de membros poderosos e influentes pelos quais até poderíamos ser admirados.

“Sempre existem dificuldades sendo levantadas, as quais tentam lhe fazer acreditar que seus críticos estão cobertos de razão”, disse Emerson. No momento em que embarcamos em nosso curso de ação, tendo deixado o ancoradouro das teorias e práticas tradicionais, avançando em altos mares, tendo em vista algum novo e nobre destino, geralmente temos a tendência a sentir temor e dúvidas quanto ao acerto do que estamos fazendo.

Além disso, as dificuldades, que talvez sejam as próprias condições dos novos mares agora navegados, têm uma sedutora proeza capaz de, às vezes, dar a impressão de que são favoráveis aos nossos críticos. Isso requer coragem, nascida de uma convicção divina, para não voltar atrás, mas continuar no processo de avançar, ganhando a terrível batalha contra as dúvidas pessoais e o desejo cômodo de ser agradável e popular.

Ainda no dizer de Emerson, “planejar um curso de ação e segui-lo até o fim é algo que requer a mesma coragem necessária a um soldado”. Nunca tive a oportunidade de lutar em uma batalha militar, mas o que me mantém lutando e avançando quando alguma coisa parece me dizer: “pare”, ou: “retroceda”, é a coragem que vem da certeza de

que minha posição é correta.

Algumas vezes, nós temos corajosamente permanecido no trajeto estabelecido ou em defesa de alguma posição; temos lutado arduamente, embora nada pareça indicar que o fardo será aliviado. É então, quando estamos emocional e fisicamente esgotados; quando parece impossível continuar, que devemos reunir a coragem de um soldado e prosseguir.

Devemos estar bem conscientes dos riscos e armadilhas implícitos aqui. Devemos também estar despertos para o elevado grau de sabedoria requerido sempre que tivermos de exercitar a liderança cristã. Mas também devemos estar instintivamente sabedores das inauditas recompensas e imensas vantagens que residem encobertas no intenso esforço para permanecer firmes, viver, trabalhar e agir com uma irrefutável calma e confiante coragem.

**É preciso coragem
 para lutar contra
 o desejo cômodo
 de ser popular.**

Ministério

Uma Publicação da Igreja Adventista
do Sétimo Dia

Ano 73 – Número 02 – Mar./Abr. 2002
Periódico Bimestral

Editor: Zinaldo A. Santos

Revisoras: Ildete Silva e Rosemara Santos

Chefe de Arte: Marcelo de Souza

Programador Visual: Jobson Santos

Colaboradores Especiais:

James Cress; Alejandro Bullón; Jonas Arrais;
Wilmore Eva; Julia Norcott

Colaboradores:

Arlindo Guedes; Jair Garcia Góis;
José S. Ferreira; Mário Valente;
Montano Barros Neto

Capa: Heber Pintos

Diretor Geral: José Carlos de Lima

Diretor Financeiro: Antonio Oliveira Tostes

Redator-Chefe: Rubens S. Lessa

Visite o nosso site:

<http://www.cpb.com.br>

Serviço de Atendimento ao Cliente:

sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/ministerio

www.dsa.org.br/elministerio

Tiragem: 4.300 exemplares
5880/9313

Todo artigo, ou correspondência, para a revista **Ministério** deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600; CEP 70279-970,
Brasília, DF



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA
CERTIFICADA PELA ISO 9002

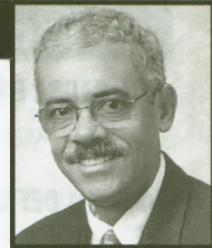
Editora dos Adventistas do Sétimo Dia

Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34,
18270-970 Tatui, SP



Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial, incluídos textos, imagens e desenhos, por qualquer meio, quer por sistemas gráficos, reprográficos, fotográficos, etc., assim como a memorização e/ou recuperação parcial, ou inclusão deste trabalho em qualquer sistema ou arquivo de processamento de dados, sem prévia autorização escrita do autor e da editora, sujeitando o infrator às penas da lei disciplinadora da espécie.

EDITORIAL



Graça transformadora

O propósito de Deus para a Sua Igreja é que, nela, a justiça de Cristo encontre sua expressão final. Diz o apóstolo que à Igreja Cristo Se entregou “para que a santificasse, ... para a apresentar a Si mesmo igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (Efés. 5:26 e 27). Dessa forma, o crente é chamado para viver algo mais que a ditosa certeza da salvação. Ele deve revelar, como fruto de tal experiência, a reprodução do caráter de Jesus em sua vida, de modo que sejam dadas glória e honra a Deus. Foi isso o que Jesus disse: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus” (Mat. 5:16). Se apenas estamos interessados em chegar ao Céu, e não em glorificar a Deus através de uma vida obediente, é duvidoso que tenhamos sido bafejados pela transformadora graça de Deus.

Mais do que uma bela teoria, a justificação pela fé é uma experiência transformadora que deve ser expressa num ambiente comunitário, nas relações diárias entre pessoas com personalidades desiguais e que podem discordar em muitas coisas. A justiça de Cristo cria uma comunidade eclesial completamente nova, dirigida e motivada pelo Espírito, composta por indivíduos que vivem e atuam em amor. É uma comunidade na qual a Lei de Deus é plenamente operativa.

Entretanto, devemos nos guardar contra o conceito judaico da justificação por meio do cumprimento das obras prescritas no sistema legal. Foi para combater essa idéia que Paulo escreveu a carta aos gálatas. Nessa epístola, ele exalta o que Deus tem feito mediante Cristo para a salvação do homem e rejeita de maneira categórica o pensamento de que uma pessoa possa ser justificada por obediência à lei. Segundo Paulo, a lei jamais foi um fim em si mesma; porém, um meio para guiar homens e mulheres à salvação em Cristo.

Não devemos nos esquecer a maneira como Jesus trata o pecado, e como nós devemos tratá-lo. Lamentavelmente, estamos comprometidos com ele (Sal. 51:4 e 5). Mas precisamos romper tal ligação e comprometer-nos para sempre com Jesus. Não há outra forma de fazê-lo senão a descrita pelo apóstolo: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gál. 2:19 e 20). Cristo morreu pelos nossos pecados, a fim de que também morramos para eles. Sua perfeita obediência não torna desnecessária a nossa. Pelo contrário, pela contínua provisão de Sua graça em nós, a torna possível.

Zinaldo A. Santos

ARTIGOS

- 12 • **CAUSA E EFEITO** • Como deve ser entendido o conceito de submissão da esposa ao marido nos escritos de Paulo.
- 14 • **EM DEFESA DO CRIAÇIONISMO** • Estudos feitos por cientistas reforçam o relato bíblico da criação do mundo.
- 17 • **O EVANGELHO DETURPADO** • Uma análise do ensino de Paulo sobre fé e obediência, conforme apresentado na epístola aos gálatas.
- 21 • **O PASTOR SOLITÁRIO** • Situações que trazem sombras ao trabalho pastoral e como dissipá-las.
- 24 • **AS DUAS FACES DO PERDÃO** • Mensagem devocional sobre uma das mais belas e importantes virtudes cristãs.
- 26 • **VAMOS PESCAR** • Um evangelista apresenta princípios que tornam mais efetivo o trabalho de conquistar conversos.
- 28 • **DE FRENTE COM O INIMIGO** • Caso tenha de tratar com indivíduos possessos, saiba como proceder.

SEÇÕES

- 2 SALA PASTORAL
- 3 EDITORIAL
- 4 CARTAS
- 5 ENTREVISTA
- 8 AFAM
- 9 PONTO DE VISTA
- 16 IDÉIAS
- 32 NOTÍCIAS
- 34 RECURSOS
- 35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO



“Pecado e Cristo são incompatíveis na mesma vida. A motivação para obedecer não é alcançar a justificação, mas manter um relacionamento correto com Jesus. Pela fé vivemos em e através de Cristo.”

Garth H. Bainbridge

CARTAS

Santa Ceia

Apreciei o artigo do Pastor Jorge Mário de Oliveira [Ministério – nov./dez. 2001], por achar muito oportuno o assunto da Santa Ceia e os perigos dos muitos modismos que surgem de tempos em tempos. Porém, o articulista se equivoca quando diz ser errado servir o pão e o vinho ao mesmo tempo. Esse procedimento é recomendado pelo Manual da Igreja, como uma forma alternativa para o serviço da comunhão. Tenho utilizado essa maneira de servir os emblemas, principalmente nas grandes congregações, sem nenhum prejuízo espiritual.

Pastor Márcio Vianna, Associação Paulistana

Afam

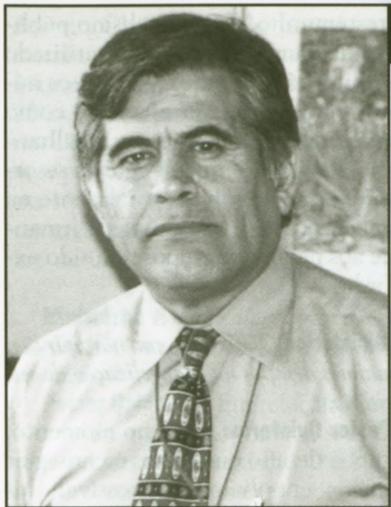
Quero externar minha apreciação pela revista Ministério. Vi, casualmente, alguns exemplares e acabei me tornando leitora assídua. Destaco o material destinado às mulheres. Além do crescimento pessoal proporcionado através de sua leitura, fica evidente o reconhecimento de que o trabalho de pastorear igrejas não é uma tarefa isolada, mas compreendida em dupla: pastor e esposa. E esta merece também receber atenção, treinamento, incentivo e reconhecimento. Felizmente, a Associação Ministerial sabe disso e está agindo.

D. Almeida, Porto Velho, RO

Arrebatamento secreto

Nenhum dos artigos sobre o arrebatamento secreto, escritos pelos Pastores Gerhard Pfandl e Hans LaRondelle [Ministério – jan./fev. 2002], fez referência a algo que não deve ser esquecido ao se tratar desse tema. Refiro-me ao reavivamento carismático ocorrido por ocasião do grande despertamento sobre a volta de Cristo, nas ilhas britânicas (1825-1835). Esse fenômeno foi muito importante para o surgimento do que hoje conhecemos como dispensacionalismo e as idéias decorrentes, entre as quais está o arrebatamento da Igreja antes da tribulação.

Ron Thompson, Myrtle Beach, Carolina do Sul, Estados Unidos



ZINALDO A. SANTOS

Um método prioritário

Embora não descarte outros métodos, a liderança da União Chilena escolheu os pequenos grupos como principal estratégia evangelística em seu território

O Pastor Guido Quinteros é boliviano de Cochabamba, mas está há muitos anos radicado no Chile, onde graduou-se em Teologia, no ano de 1969. Nesse país, iniciou suas atividades pastorais, mais precisamente como pastor distrital na Missão Chilena do Norte, em 1973. Posteriormente, foi evangelista no mesmo Campo e na Associação Sul do Chile. Nos dois territórios também desempenhou a função de pastor geral. No ano passado foi nomeado presidente da União Chilena.

Quando foi organizada em 1966, a União Chilena tinha apenas 12.171 membros e três Campos. Atualmente são mais de cem mil membros distribuídos em duas Associações e quatro Missões. Uma característica especial da população chilena é sua alta incidência de evangélicos, o que exige adaptações nos métodos convencionais de evangelismo. O fato, entretanto, não representa barreira intransponível aos propósitos missionários da liderança da Igreja naquela região. Tanto que o contingente adventista está crescendo, alcançando, inclusive, pastores de outras denominações evangélicas.

Um ponto de relevância na programação evangelística da União Chilena, como de resto em toda a Divisão Sul-Americana, é a implantação de pequenos grupos. Há um decidido esforço direcionado ao envolvimento de toda a irmandade nesse projeto. Os resultados, segundo o Pastor Quinteros, são anima-

dores até agora. Sobre esse e outros assuntos, ele falou à revista *Ministério*, por ocasião do Concílio Ministerial da Divisão Sul-Americana, realizado em Lima, Peru. A seguir, os principais trechos da entrevista.

A melhor forma de conservar um novo converso na igreja é discipulá-lo e designar-lhe uma tarefa de acordo com seus dons.

Ministério: *Há quanto tempo o senhor é presidente da União Chilena e que funções desempenhou antes de ser nomeado para o cargo?*

Pastor Guido Quinteros: Faz pouco mais de um ano que assumimos a presidência da União Chilena, depois de haveremos servido como secretário ministerial e evangelista na mesma União. Anteriormente, porém, trabalhamos como presidente da Missão Chilena do Pacífico e da Associação Chilena Sul. Como todos os pastores,

começamos como distrital. Também servimos como secretário ministerial desses Campos.

Ministério: *Dê-nos uma visão panorâmica da União Chilena.*

Pastor Quinteros: Bem, a União Chilena foi criada em 1966, quando tinha 12.171 membros espalhados em três Campos (Associação Central, Associação Sul e Missão do Norte). Atualmente tem uma população de 15.211 mil habitantes em seu território, dos quais 101.534 são membros da Igreja Adventista. Esses membros estão distribuídos em 691 igrejas e congregações. A União possui duas Associações (Metropolitana do Chile e Chilena Sul) e quatro Missões (Central-Chilena, Norte-Chilena, Pacífico Chilena e Missão Austral). Em 2000, batizamos 6.800 pessoas e em 2001 nos aproximamos dos sete mil batismos. Contamos com 24 escolas fundamentais e 13 instituições de Ensino Médio, além de uma Universidade. Somos uma Igreja respeitada e apreciada pelos poderes governamentais. Devemos isso, entre outras coisas, à nossa obra educacional. O governo reconhece nosso sistema de educação como um dos melhores existentes no mundo e, em função disso, tem aberto portas com facilidade. Nossa Universidade desfruta de um conceito muito elevado. Inclusive acaba de ganhar sua autonomia. Ali funciona nosso seminário teológico.

Ministério: *Qual o grau de receptividade da mensagem adventista entre os chilenos?*

Pastor Quinteros: Existe uma característica que distingue o Chile de todos os demais países sul-americanos. Essa característica é a forte presença pentecostal. Por essa razão, as estratégias evangelísticas utilizadas de um modo geral em outras regiões precisam experimentar alguma variação ou adaptação à realidade chilena. Temos muitos evangélicos no país. Cerca de três anos atrás, alguns pastores evangélicos aceitaram a mensagem adventista e foram batizados. Alguns continuam liderando suas antigas congregações, mas observando todas as doutrinas adventistas, inclusive a santificação do sábado. É isso mesmo: aceitaram os ensinamentos da nossa Igreja, foram batizados, guardam o sábado, aceitam a doutrina do santuário e outras, mas continuam liderando suas congregações. Elas os aceitam e sustentam, e aceitam suas novas orientações. Muitas já estão guardando o sábado também. Outros já deixaram completamente as respectivas congregações e são membros da Igreja Adventista.

Ministério: *Mas como ficam esses pastores que continuam em suas igrejas, diante da liderança de suas respectivas denominações?*

Pastor Quinteros: Eles fazem parte de movimentos congregacionalistas. São pastores que possuem trinta ou quarenta igrejas; são como que os donos dessas igrejas. Devo dizer que são igrejas gigantescas, cujo número de membros é o dobro do que temos. Eles se reportam a um conselho, mas são os líderes máximos. Na verdade, é uma situação nova para nós.

Ministério: *Como esses pastores foram alcançados?*

Pastor Quinteros: Houve um trabalho através do qual procuramos nos aproximar desses irmãos, a fim de eliminar barreiras e preconceitos. Afinal, todos somos cristãos. A partir daí, muitos pastores evangélicos e suas comunidades passaram a convidar nossos pastores ou líderes voluntários credenciados, para ministrar cursos de saúde, vida familiar, educação e até mordomia cristã, em suas igrejas. Tal interação proveu a oportunidade de partilhar mutuamente as crenças. O interesse foi despertado, os estudos foram concretizados e se intensificaram, de modo que muitos hoje aceitam e praticam o que ensinamos, mesmo permanecendo em suas congregações.

Ministério: *A visão da Igreja Adventista como uma seita não existe no Chile?*

Pastor Quinteros: Alguns grupos inexpressivos ainda mantêm essa idéia. Mas, a grande maioria dos evangélicos chilenos já superou esse estágio da sua compreensão a nosso respeito; aceita e respeita a Igreja Adventista como uma comunidade evangélica.

Ministério: *Como é a receptividade à mensagem adventista entre a população não evangélica?*

Pastor Quinteros: O outro segmento majoritário da população, como de resto em toda a América do Sul, é composto de católicos apostólicos romanos. Então, nossas maiores conquistas acontecem justamente entre esse grupo. Em comparação com o Peru, Bolí-

O evangelismo público ainda é muito utilizado no Chile. Mas a resposta da irmandade aos pequenos grupos é extraordinária.

via e outros países sul-americanos, a região Sul do Chile é muito semelhante à parte Sul da Argentina e do Brasil. É uma região que recebeu grande influência européia, na qual existem muitos descendentes de ingleses, iugoslavos, italianos, entre outras etnias. Dessa forma, também temos que adaptar nossas estratégias para alcançar essas pessoas.

Ministério: *Quais são as grandes conquistas evangelísticas da União Chilena?*

Pastor Quinteros: Atualmente estamos empenhados em organizar os pequenos grupos em todo o território da União Chilena, o que não significa desprezo por outros métodos de evangelização. Já ganhamos e continuamos ganhando muitas pessoas através de evangelismo público e outras formas

de testemunho. O evangelismo público ainda é um método muito utilizado no Chile, dá resultados, embora os números não sejam tão elevados como no passado. Hoje, estamos trabalhando no sentido de que as igrejas se organizem e se envolvam totalmente na evangelização. E a resposta da irmandade aos pequenos grupos tem sido extraordinária.

Ministério: *Quais são, em sua opinião, os maiores desafios na evangelização do seu território?*

Pastor Quinteros: Bem, no momento, o grande desafio que temos é conseguir o maior envolvimento possível dos membros da Igreja na missão. Cremos que há um potencial gigantesco ainda não despertado para a realidade missionária. O que necessitamos, numa palavra, é discipular. Mas, estamos trabalhando e sentindo que o povo está respondendo. Quero enfatizar que o projeto do momento é a formação de pequenos grupos; e a resposta está sendo extraordinária. Vale lembrar que a participação feminina é algo especial. Aproximadamente 70% da nossa comunidade no Chile são mulheres. Ali o Ministério da Mulher tem muita relevância e não é descartado em nosso planejamento.

Ministério: *A que o senhor atribui essa dificuldade inicial de envolvimento missionário leigo?*

Pastor Quinteros: Talvez, como líderes, não enfatizamos no passado, com a força que deveríamos ter feito, a questão do discipulado. Acho que sempre tivemos grandes evangelistas, especialistas na matéria, que fizeram um trabalho notável e do qual ainda necessitamos; jamais prescindiremos do evangelista. Mas, provavelmente, centralizamos nele todas as nossas expectativas, esquecendo-nos da força voluntária. Os irmãos estão dispostos a fazer o trabalho. Deus os abençoou com dons, e eles podem, devem e querem colocar esses dons a serviço do Senhor. Entretanto, necessitam que nós, como líderes, os inspiremos, treinemos, capacitemos e equipemos.

Ministério: *Como o senhor avalia o crescimento numérico da Igreja chilena, nos últimos cinco anos?*

Pastor Quinteros: Estamos batizando anualmente oito mil pessoas, em mé-

dia, no Chile. Quando houve o desmembramento da União Austral para a formação da União Chilena, éramos 20 mil adventistas no Chile e 30 mil na União Austral. Atualmente, estamos perto de 102 mil membros e a outra União possui 90 mil, o que indica um crescimento marcante do adventismo no Chile.

Ministério: *E o que dizer quanto à Missão Global, ou seja, áreas sem presença adventista?*

Pastor Quinteros: Em relação à região Norte do país, não há mais cidades sem presença adventista. O objetivo agora é marcar presença nos bairros. Na região central estão concentradas as camadas de nível econômico mais elevado, a classe alta da população. No Sul, há lugares que necessitam ser penetrados. Essa é a razão pela qual formamos um novo Campo, a Missão Austral; ou seja, para facilitar a execução do projeto Missão Global.

Ministério: *Há um programa específico para alcançar essa classe de nível econômico mais alto?*

Pastor Quinteros: Sim. No momento, estamos investindo na realização de pequenos grupos dirigidos por catedráticos, empresários e profissionais liberais. Acreditamos que essa é uma faixa populacional que não é facilmente atingida pelo evangelismo massivo. Quando pessoas do mesmo nível se aproximam de forma amigável, num encontro social que ajude a derrubar preconceitos, não há dúvida de que será mais fácil chegar ao coração dessa gente com o evangelho.

Ministério: *Existe algum projeto de impacto evangelístico em ação?*

Pastor Quinteros: Como afirmei anteriormente, estamos agora mobilizando a irmandade para a formação de pequenos grupos. Estamos fazendo isso em todo o país, com vistas a uma grande campanha de evangelização nacional, em 2003, semelhante à que foi realizada, em 2000, no Peru. O núcleo desse programa evangelístico será baseado no Estádio Nacional de Santiago e terá como pregador o Pastor Alejandro Bullón. Mas será secundado por vários outros centros de pregação liderados por pastores distritais, departamentais, administradores e leigos. À parte desse projeto, também realiza-

mos cursos interativos através do rádio, o que gerou um grande número de interessados na mensagem.

Ministério: *Sabe-se que o Chile é um país culto e isso exige algo mais dos pastores. Como o senhor avalia a sua equipe?*

Pastor Quinteros: Temos uma excelente equipe ministerial em toda a União. Muitos são jovens, com mesurado, cada vez mais conscientes da missão e da necessidade de envolver os membros de suas congregações na tarefa missionária. Aliás, esta é a prioridade que colocamos diante deles: mobilização leiga. Através disso vamos conquistar muitos conversos e conservá-los na igreja. A melhor forma de conservar um novo membro na igreja é discipliná-lo e designar-lhe

*Estamos trabalhando para
devolver aos membros de
nossas igrejas o gosto de
testemunhar. É assim que
cumpriremos a missão.*

uma tarefa em conformidade com o dom ou os dons que recebeu do Senhor. Isso é a súpula de tudo o que apresento aos pastores, em termos de trabalho. É a raiz da formação de novas congregações, sustento da Igreja e tudo o mais. Não podemos marginalizar os leigos.

Ministério: *Podemos então inferir que os índices de apostasia não são elevados?*

Pastor Quinteros: Não são. No Chile, em comparação a muitos países, o índice de apostasia é baixíssimo. Inclusive porque a prevenção contra esse fenômeno já começa durante o preparo do candidato. Muitos dentre os irmãos que dão estudos bíblicos pensam e agem no sentido de que não se deve batizar uma pessoa antes que ela passe

uns quatro meses estudando a Bíblia sistematicamente e assistindo às reuniões da igreja.

Ministério: *Avaliação de pastores é um assunto muito debatido nos concílios. Como isso é realizado em sua União?*

Pastor Quinteros: Estou convencido de que os critérios para avaliação pastoral devem ser abrangentes, devendo ser estabelecidos dentro dos limites do trabalho integral. Quero dizer que não devem estar direcionados ao maior ou menor número de batismos conseguidos por um pastor durante um ou mais anos de trabalho. A avaliação de um pastor deve contemplar sua vocação por inteiro, incluindo vida familiar, relacionamento com Deus e com a Igreja, como pregador, conselheiro de todas as faixas etárias, e também sua capacidade para mobilizar a comunidade para o cumprimento da missão. Também creio que a Associação Ministerial desempenha um papel importante no acompanhamento dos pastores, a fim de que eles desenvolvam essas e outras habilidades. Na União Chilena, o trabalho dos ministeriais é muito forte. Nos concílios ou em visitas pessoais, os pastores recebem o apoio necessário para continuar realizando um trabalho a altura da nobreza de seu chamado.

Ministério: *Quais seus planos e expectativas para o futuro da Igreja no Chile?*

Pastor Quinteros: Vejo uma Igreja pujante, preparada e organizada para cumprir seus objetivos missionários. Creio que tudo está sendo elaborado nesse sentido. Deus nos tem abençoado grandemente com recursos materiais e humanos. Essa não será a razão que nos impedirá avançar. Cada vez mais conscientes do nosso papel como indivíduos comissionados a proclamar a salvação do Senhor, faremos isso por Seu Espírito e amparados por Sua graça. Estamos unidos no desafio que faz a Divisão Sul-Americana no sentido de que arregimentemos as forças denominacionais e trabalhemos para devolver aos membros de nossas igrejas o gosto de testemunhar. É assim que cumpriremos a missão que o Senhor nos confiou. Os acontecimentos no mundo nos dizem que o tempo é curto. Precisamos aproveitar todas as oportunidades. Não temos tempo a perder. 

Presente de Deus



EVELYN NAGEL

Coordenadora da Área Feminina da Associação Ministerial na Divisão Sul-Americana

No relato bíblico da criação, encontramos Deus falando: "Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. ..." E então, "criou Deus, pois, o homem à Sua imagem, ... homem e mulher os criou" (Gên. 1:26 e 27).

"Ao sair o homem das mãos do Criador era de elevada estatura e perfeita simetria. ... Eva era um pouco menor em estatura; contudo suas formas eram nobres e cheias de beleza. ... Entre todas as criaturas que Deus fez sobre a Terra, não havia uma igual ao homem. E disse Deus: 'Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma adjutora que esteja como diante dEle' (Gên 2:18)" – *Patriarcas e Profetas*, págs. 45 e 46.

Assim, a mulher foi criada por Deus para ser uma auxiliadora, uma companheira, atuando lado a lado com o homem. Muito se tem escrito sobre o que é ser mulher e o que dela se espera. Mas, segundo Moacir Andrade, da Academia Mineira de Letras, "quem conhece a mulher? Todos se julgam no dever de qualificá-la, etiquetá-la. Fazem isso filósofos, poetas, escritores de toda a pinta, artis-

tas, naturalistas, biólogos, cientistas, sacerdotes e também o homem comum, aquele que não tem qualquer título. Apesar de tantos milhões de opiniões sobre ela, a mulher continua a ser enigma".

Lendo o livro *A Mulher, Essa Desconhecida*, de Haroldo Lobo, encontrei que ela é objeto das mais belas e significativas definições, o que pode ser verificado ao meditarmos nos seguintes pensamentos:

"O homem pratica os grandes feitos. É a mulher quem os inspira." – J. A. Ségur

"Com admirável sabedoria deram as leis muito escasso poder às mulheres, pois a natureza já lhes dera demasiadamente." – Samuel Johnson

"A importância da atividade feminina não se liga ao sexo; liga-se à humanidade." – E. E. Puriton

"A atividade honesta e fecunda duplica a beleza feminina e valoriza extraordinariamente as suas faculdades." – Mário Gonçalves Viana

"Para que uma mulher seja bem-sucedida no seu trabalho, deve ter que lançar ali o coração. É uma lição que todos temos de aprender." – E. E. Puriton

"A mulher é a derradeira esperança de um mundo que se gasta na dor e no egoísmo." – P. da Costa Rego

"A mulher opera o milagre de chamar o sorriso aos lábios quando as amarguras do infortúnio lhe dilaceram o coração." – Paulo Janet

"Tudo para o amor, tudo no amor; eis a máxima da mulher." – Alexandre Dumas

"A doçura e a beleza das mulheres parecem inculcar que são anjos e serafins que descenderam dos Céus e se humanaram na Terra." – Maricá

"A mulher é a mais bela metade do mundo." – Rousseau

"Toda a inteligência da mulher está no coração." – Goncourt

"Nada é mais fascinante, mais irresistível do que o entusiasmo da mulher." – Mantegazza

"É no coração que Deus colocou o gênio das mulheres, porque as obras desse gênio são todas obras de amor." – Lamartine

"O homem possui tesouro precioso na mulher que o ama. Não há coração de onde o amor caia de mais alto, com ondas mais fortes, do que do coração da mulher. A ternura não tem manancial mais profundo. A abnegação não tem abandonos mais sublimes. O sacrifício não tem atos mais santos, nem mais completos do que nesse coração." – Anônimo

"A mulher não tem, em geral, a coragem dos grandes lances, mas tem, em grau muito mais elevado, a coragem da luta cotidiana, contra a vida e suas situações dolorosas." – Alceu Amoroso Lima

"O encanto da mulher pode mais que a coragem do homem." – J. A. Glaser

"Procurei estudar a mulher, com fidelidade e ternura. É o maior encanto da vida." – Afrânio Peixoto

"A mulher é o melhor presente que Deus fez ao homem." – Legouvé

É maravilhoso saber que escritores e pensadores tenham um tão elevado conceito das mulheres. Entretanto, mais importante é darmos o nosso melhor para o Mestre e que, a exemplo de Maria, possamos escolher "a boa parte" de viver em comunhão com Ele (Luc. 10:42).

De igual forma, sejamos agradecidas por tudo o que Ele faz em nós, por nós e através de nós, de modo que o Senhor também possa dizer a nosso respeito: "Onde for pregado ... este evangelho, será também contado o que ela fez" (Mat. 26:6-13).

À procura de mentores



ELIZEU G. LIRA

Pastor e jornalista, distrital em Jardim América, na Associação Espírito-Santense, Brasil

Segundo os dicionários, mentor é a pessoa que guia, ensina ou aconselha outra pessoa. Atua como conselheiro e mestre, ensinando e conduzindo o discípulo no caminho a ser trilhado, na busca do conhecimento e da consecução do mais alto nível de desenvolvimento.

No livro *A Jornada do Escritor*, Christopher Vogler amplia a compreensão do papel do mentor: "A palavra mentor vem da *Odisséia*. Um personagem chamado mentor guia o jovem herói, Telêmaco, em sua jornada de herói. Na verdade, é a deusa Atena quem ajuda Telêmaco, assumindo a forma de mentor. ... Com frequência, os mentores falam com a voz de um deus, ou são inspirados pela sabedoria divina. Os bons mestres e os mentores entusiasmam, no sentido original da palavra. Entusiasmo deriva do grego

Nenhum líder é insubstituível. Por isso, deve atuar como conselheiro e mestre, ensinando e conduzindo seus liderados na busca do crescimento, formando novos líderes

theos, isto é, em Deus, significando inspirado por Deus, tendo um deus em si, ou estando na presença de um deus."¹

Como Deus escolhe

Para os cristãos, as palavras de Vogler possuem um significado muito mais amplo, pois traduzem toda a teia de relações que mantemos com Deus, nosso mentor supremo. "A relação entre herói e mentor é um dos temas mais comuns da mitologia, e um dos mais ricos em valor simbólico. Representa o vínculo entre pais e filhos, entre mestre e discípulo, médico e paciente, Deus e o ser humano."²

Tudo isso é demonstrado na forma como Deus escolhe, chama e prepara os Seus líderes. Quanto ao tipo de pessoa que Ele escolhe e usa, o escritor Howard Hendricks nos fornece as seguintes idéias:

1. *Deus usa aquele que está convencido de que o resultado da equação Deus + um é a maioria.* A matemática divina é diferente da humana. Nós ficamos deslumbrados com números, mas Deus não Se limita nem Se deixa

intimidar por eles. No caso de haver 850 contra 1, não há problema para Ele. No cálculo divino, são 850 contra 1 + Deus. O fator decisivo não é o número 1, mas o Deus que o capacita.³

2. *Deus usa aquele que enxerga as oportunidades e não os problemas.* A esse respeito, Hendricks comenta: "Hoje, qualquer aluno de escola dominical conhece o nome de Calebe e Josué, mas será que alguém sabe o nome dos dez homens que constituíam a maioria? O nome deles está registrado no começo do capítulo 13 do livro de Números. Mas quem se interessa por eles? Eles foram o grupo que enxergou os problemas, que espiou a terra e viu obstáculos por toda a parte. Josué e Calebe também viram os gigantes. Mas enxergaram a oportunidade de vitória, porque o grande Deus do Universo lhes havia ordenado que subissem e se aposassem da terra. Deus usou Josué e Calebe. Os outros dez caíram no esquecimento."⁴

3. *Deus usa aquele que se concentra mais em sua disponibilidade do que em sua própria habilidade.* "Se



nos preocuparmos demais com nossas habilidades, acabaremos ficando muito orgulhosos; e Deus, impossibilitado de usar-nos. Se nos preocuparmos com nossa incapacidade, tornamo-nos pessimistas. Dessa forma, Deus não poderá usar-nos. Paulo diz em I Cor. 4:2 que 'o que se requer dos despenseiros é que cada um deles seja encontrado fiel'. A passagem refere-se a nós. Não temos que provar que somos inteligentes, talentosos ou ágeis. A única coisa que temos a fazer é ser fiéis."⁵

Deus procura pessoas desse tipo em todo o tempo e em todos os lugares. Muitas vezes, Ele as encontra em locais

disse: Vai, porque este é para Mim um instrumento escolhido para levar o Meu nome perante os gentios e reis, bem como perante os filhos de Israel; pois Eu lhe mostrarei quanto lhe importa sofrer pelo Meu nome" (Atos 9:15 e 16).

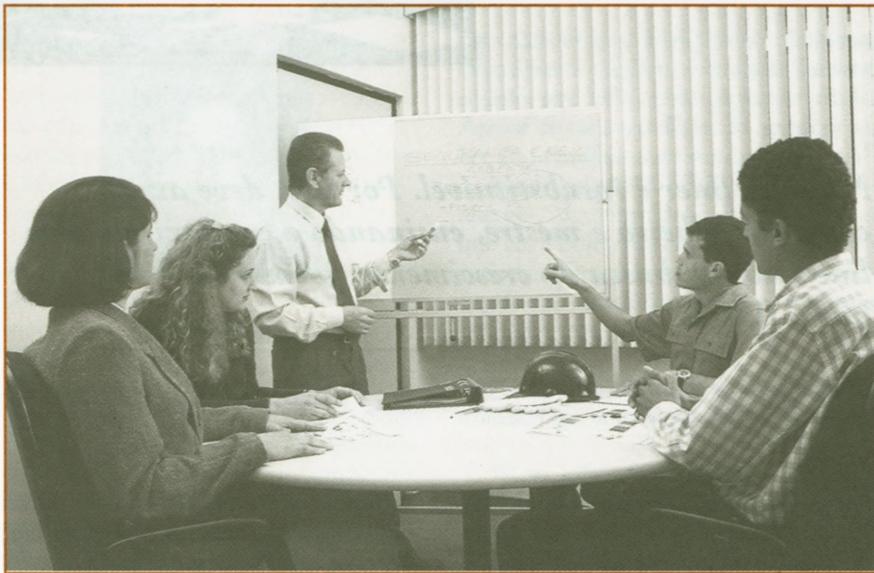
O perseguidor tornou-se perseguido. Paulo enfrentou, de início, severa oposição entre os novos irmãos que não acreditavam numa transformação tão repentina e radical. Na opinião deles, Paulo continuava sendo seu inimigo e, quando ele retornou a Jerusalém, após a conversão, a Bíblia informa que "procurou juntar-se com os discípulos; to-

aquele que faz discípulos e, dessa forma, gera novos líderes. Por isso, ele transmitiu a Timóteo a seguinte orientação: "Tu, pois, filho meu, fortifica-te na graça que está em Cristo Jesus. E o que de minha parte ouviste através de muitas testemunhas, isso mesmo transmite a homens fiéis e também idôneos para instruir a outros" (II Tim. 2:1 e 2).

Pobre do líder que não deixa para a posteridade um legado de fé, expresso nos filhos espirituais, ou seja, novos líderes que ficam para fazer avançar e crescer a causa de Deus. Tal líder é como uma árvore altaneira, bonita, com vistosa folhagem, mas infrutífera. Seu único benefício é a sombra. Sua contribuição é efêmera e limitada, ficando sempre aquém daquilo que é esperado e dos inúmeros benefícios que poderia conceder à humanidade.

Em essência, liderar é conduzir e preparar pessoas; não com vistas à simples realização de tarefas, mas com o objetivo de dar continuidade e fazer avançar uma obra significativa; perpetuar uma causa nobre. Como tal, o exercício da liderança pressupõe a arte de mentorear, preparando e formando novos líderes. "Sucesso sem sucessor", lembra Hans Finzel, "é fracasso. Quem são os homens e mulheres que você está arrumando para um dia assumir o seu lugar? Mantenho uma lista consecutiva dos líderes ativos, em minha agenda, que, algum dia, poderão estar prontos para pegar o que eu largar. Observo-os de cima e penso: 'Sim, ele poderia tornar-se diretor disso', 'ela estará pronta para aquele papel em poucos anos'. Na verdade, às vezes quando falo com nossos trabalhadores mais jovens, olho em seus rostos e penso: 'um dia um de vocês me substituirá'. Esse pensamento me estimula e motiva a lhes abrir o caminho. Eles não são uma ameaça, mas o acabamento de minha liderança."⁷

Finzel, empresário com vasta experiência, coloca a necessidade de mentorear como uma questão vital à sobrevivência da Igreja e outras instituições: "As organizações vivem e morrem no princípio fundamental de seu fluxo de talento de nova liderança. ... a única maneira de garantir que seu grupo não escorregue para a institucionalização, calcificação e morte é a renovação constante, com sangue



inimagináveis e pouco recomendáveis: justamente entre os Seus inimigos. Foi o que aconteceu com Saulo de Tarso. Conhecemos a história de como esse homem se destacou como inimigo e perseguidor do povo de Deus: "Se qualquer outro pensa que pode confiar na carne, eu ainda mais: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fariseu, quanto ao zelo, perseguidor da Igreja; quanto à justiça que há na lei, irrepreensível", ele dizia (Filip. 3:4-6).

Em Saulo de Tarso, vemos não um ímpio irreligioso, mas uma pessoa mal direcionada, sincera, cheia de zelo, disposta a consumir-se na obra que abraçara e a envidar todos os esforços para fazê-la avançar. Foram exatamente essas virtudes que Deus enxergou naquele jovem fariseu, ordenando a Ananias que fosse encontrá-lo na casa de Judas. Ananias relutou. "Mas o Senhor lhe

dos, porém, o temiam, não acreditando que ele fosse discípulo" (Atos 9:26).

Não fosse a intervenção de Barnabé (v. 27), a aceitação do novo converso teria sido mais penosa e demorada. No entanto, nada disso desanimou Paulo. Ele conhecia o medo, mas também sabia que Deus não lhe dera "espírito de covardia", mas de confiança e determinação (II Tim. 1:7). "Vacilação ou indecisão eram elementos estranhos à sua natureza. Uma vez seguro dos fatos, ele passava uma decisão rápida. Concedida a luz, devia segui-la. Ver o dever, era executá-lo. Uma vez seguro da vontade de Deus, o líder eficiente entra em ação, sem levar em conta as consequências. Ele está pronto para queimar as pontes que ficaram para trás, e aceitar a responsabilidade pelo fracasso ou pelo sucesso."⁶

Essência da verdadeira liderança

Paulo sabia que o verdadeiro líder é

novo, na formação de novos líderes. Uma de minhas prioridades como líder é alimentar nosso reservatório de líderes emergentes. ... Com muita frequência, pergunto-me: 'Quem são seus homens?' 'Quem são as pessoas que tenho como alvo e que tenho preparado para a futura liderança?' Isso não é ter favoritos, é estar preparando-se para o futuro."⁸

"Às vezes", diz Howard Hendricks, "me pergunto quantas obras fundadas sob a direção de Deus acabam ruindo por causa de um líder supostamente 'indispensável'. ... É importante que todo crente saiba que ninguém é indispensável para Deus. Somos instrumentos em Suas mãos. O Senhor deseja usar-nos. Mas o problema é que, quando Ele nos usa, ficamos inclinados a pensar que a vitória foi nossa. Talvez seja esse o motivo pelo qual vez por outra Deus remove um indivíduo do ministério, para manter vivo em nossa memória o fato de que o trabalho não é nosso, mas dEle."⁹

Complexo de Elias

A razão pela qual muitos líderes não preparam e formam sucessores é porque se sentem na posição messiânica de "salvador da pátria". Como Elias, lançam o seu brado aos Céus: "Só eu fiquei, Senhor, e procuram tirar-me a vida" (I Reis 19:14). Mas o Senhor lhes responde tal como ao profeta: "Também conservei em Israel sete mil, todos os joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou" (I Reis 19:18).

Felizmente, Elias teve humildade para mudar a sua perspectiva, aceitar a orientação divina e colocá-la em prática em seu ministério. Deus revelou que, entre as sete mil pessoas que se haviam recusado a adorar Baal, existia um jovem especial: "Eliseu, filho de Safate, de Abel-Meolá", e disse: "ungirás profeta em teu lugar" (I Reis 19:16). Como lembra Hendricks, nem todo líder receberia com alegria essa informação.

"Muitas pessoas, ao lerem essa passagem, têm a tendência de acreditar que a carreira de Elias estava encerrada. ... Contudo, eu gostaria de oferecer uma interpretação diferente, uma que seja um pouco mais esperançosa. Ao nomear um sucessor para Elias, Deus estava provando Sua fidelidade. Estava dizendo a Elias que seus esfor-

ços não haviam sido em vão. O futuro estava às portas. Melhor ainda, que ele próprio teria o privilégio de abrir as portas daquele futuro passando a tocha a Eliseu."¹⁰

Segundo Oswald Sanders, essa troca de comando jamais diminui a pessoa do líder que sai; apenas a situa dentro da sua real dimensão: "A remoção de um líder corta-o, reduzindo ao tamanho certo em relação à obra de Deus. Não importa quão grandes sejam suas realizações, ele não é insubstituível. Chega a hora em que sua contribuição especial não é a necessidade do momento. O líder mais talentoso tem limitações que se tornam aparentes somente depois que os dons complementares de seu sucessor façam com que a obra se desenvolva de forma que o líder anterior não conseguiria atingir. Frequentemente acontece que um homem de menores capacidades, com dons diferentes, pode desenvolver uma obra mais eficiente do que o predecessor, que a iniciou. Talvez Moisés não fosse capaz de liderar a conquista e divisão de Canaã tão aptamente e com a mesma aceitação de Josué."¹¹

A fórmula

Na maneira como Elias se relacionou com Eliseu, encontramos a fórmula ideal de como mentorear. Segundo Hendricks, ela pode ser ressaltada por três pontos:

Elias tomou a iniciativa. O verso 19 diz: "Partiu, pois, Elias dali e achou a Eliseu, filho de Safate." Num ato de obediência à instrução de Deus, o profeta foi procurar Eliseu e o encontrou lavrando o campo. Então Elias lançou seu manto sobre ele, um gesto que simbolizava que Eliseu o sucederia. Elias agiu. Não esperou que Eliseu o procurasse; foi atrás do seu sucessor. E, quando o encontrou, não escondeu suas intenções.¹²

Elias se mostrou disponível. Depois que ele depositou seu manto sobre Eliseu, o jovem lavrador deixou os bois e correu após o profeta (I Reis 19:20). Mais tarde, depois de despedir-se de seus pais, Eliseu seguiu Elias e o serviu (I Reis 19:21). Dessa forma, Eliseu passou a caminhar com ele, e percebe-se que o experiente profeta investiu de si na preparação do jovem pupilo.¹³

A esta altura, seria relevante perguntar: Quantos anciãos de igreja estão buscando novos anciãos entre a juventude à qual servem? Quantos

pastores experientes estão indo ao encontro dos mais jovens, aspirantes, procurando ajudá-los a se firmar no ministério e incutindo-lhes ânimo? Quantos obreiros bíblicos, peritos em levar pessoas à decisão por Jesus, estão partilhando essa experiência com os novos membros? Quantas irmãs veteranas, especialistas em lidar com crianças, estão fazendo discípulas entre as moças de sua igreja?

Essas não são apenas perguntas interessantes, mas situam-se naquele ponto divisor de águas, entre a alegria pelo cumprimento da missão e a frustração de ainda vê-la inacabada. É, também, o limiar da liderança eficaz e perene para a liderança fraca e efêmera.

Para influenciar Eliseu, Elias serviu-lhe de modelo. "Para mim", diz Hendricks, "esse é o principal aspecto do processo. Como bem demonstrou o pesquisador Albert Bandura, a imitação é a forma de aprendizagem inconsciente de maior impacto. As pessoas com quem convivemos se esquecem daquilo que dizemos, mas raramente se esquecem do que fazemos."¹⁴

Paulo conhecia as técnicas de mentorear e as aplicava em seu ministério. Por isso, deleitava-se em associar-se com os seus cooperadores, mesmo os iniciantes, sem barreiras. "Porque de Deus somos cooperadores", dizia (I Cor. 3:9). Tinha uma auto-imagem equilibrada: "Quem é Paulo? Servo por meio de quem crestes" (I Cor. 3:5); "Não que, por nós mesmos sejamos capazes de pensar alguma coisa, como se partisse de nós; pelo contrário, a nossa suficiência vem de Deus" (II Cor. 3:5). E, finalmente, incentivava a reprodução dos seus padrões de liderança: "Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores" (I Cor. 4:16); "Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo" (I Cor. 11:1). 

Referências:

1. Christopher Vogler, *A Jornada do Escritor*, págs. 67 e 68.
2. *Idem*, pág. 33.
3. Howard Hendricks, *Aprenda a Mentorear*, pág. 47.
4. *Idem*, pág. 48.
5. J. Oswald Sanders, *Paulo, o Líder*, pág. 45.
6. Hans Finzel, *Dez Erros que um Líder não Pode Cometer*, págs. 256 e 257.
7. *Idem*, pág. 157.
8. Howard Hendricks, *Op. Cit.*, pág. 73.
9. *Idem*, pág. 94.
10. *Ibidem*.
11. J. Oswald Sanders, *Liderança Espiritual*, pág. 130.
12. Howard Hendricks, *Op. Cit.*, pág. 97.
13. *Idem*, pág. 99.
14. *Idem*, pág. 100.

Causa e efeito



AROLDO FERREIRA DE ANDRADE

*Pastor distrital na Associação
Rio de Janeiro, Brasil*

Uma das figuras mais utilizadas na Bíblia para ilustrar o relacionamento entre Deus e o Seu povo é a união matrimonial. Os termos “noivo” e “noiva” são usados com frequência no Antigo Testamento. Essa simbologia pode ser encontrada nos livros dos profetas Isaías (54:5; 62:4 e 5), Jeremias (2:2; 3:14) e Ezequiel. No livro de Oséias, há um relato dramático. Deus rejeita a Sua esposa, Israel (Os. 2:2), por causa da infidelidade, mas está disposto a perdoá-la e aceitá-la de volta, caso ela mude o comportamento. O profeta Jeremias contrasta a desolação e o horror que estavam para sobrevir a Judá com a alegria de uma festa nupcial (Jer. 7:34; 16:9; 25:10).

Nos evangelhos, João Batista é o primeiro a usar o mesmo simbolismo, e compara o seu sentimento de alegria pela chegada do Messias com o regozijo de um noivo prestes a casar-se (João 3:29). O próprio Jesus também faz uso de uma parábola, a das bodas, para ilus-

*A submissão feminina, no casamento,
é reflexo da expressão do amor do esposo*

trar o preparo para o encontro final de Deus com os salvos (Mat. 22), e da parábola das dez virgens à espera do noivo (Mat. 25). No Apocalipse (21:1-10), João utiliza as expressões “noiva” e “Cordeiro” para referir-se à união definitiva entre Cristo e Sua Igreja.

Mas é na teologia paulina que o tema ganha profundidade, pois o apóstolo Paulo sabiamente entrelaça as duas uniões: o casamento humano, com todas as suas nuances, e o casamento espiritual. Ele faz uso do enlace conjugal para realçar a união do temporal com o eterno.

Entende-se que a união conjugal, dentro do plano estabelecido por Deus, é a experiência mais íntima e profunda que pode existir entre um homem e uma mulher. Nesse contexto, é que os dois se unem gerando uma fusão: “e se tornarão ambos uma só carne” (Gên. 2:24).

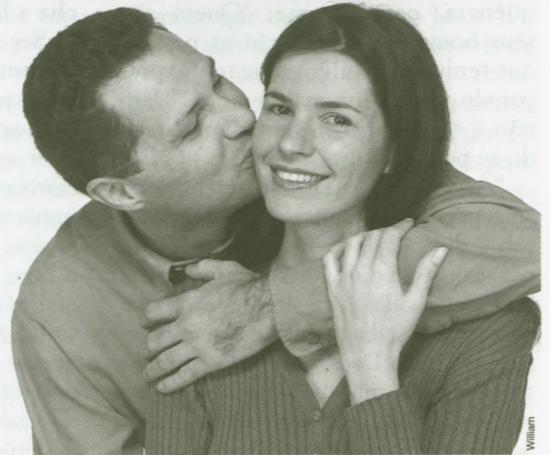
O apóstolo utiliza esse símbolo para acentuar a profundidade do relacionamento que o Criador espera que aconteça em cada família cristã. Deus anseia que cada casal cristão reproduza em seu relacionamento conjugal os traços da união de Cristo com a Sua Igreja. Na carta de Paulo aos cristãos efésios (5:22 e 23) destacam-se três ele-

mentos: submissão, amor e espírito de sacrifício.

A submissão

“Vós mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos” (v. 22). Falar de submissão feminina em pleno século 21 soa como algo ultrapassado, preconceituoso e machista. Isso devido a uma herança carregada de preconceito que atravessou do Oriente ao Ocidente. Em alguns países, as mulheres ainda hoje sofrem toda espécie de discriminação. São proibidas de sair à rua, falar com um homem ou até mostrar o rosto. São vítimas de trabalho escravo, mutilações genitais, etc.

Mas o que o apóstolo está querendo dizer é exatamente o oposto do que pensam feministas e machistas. Numa cultura preconceituosa, ele oferecia às mulheres cristãs a oportunidade de um tratamento digno. Como defensor do evangelho e da equidade, Paulo está desenvolvendo o conceito de igualdade com respeito e dignidade. A respeito da igualdade, ele já escrevera aos gálatas: “não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus” (Gál. 3:28). Agora ele está



William

desafiando os homens cristãos a colocarem em prática essa igualdade.

Num ambiente desfavorável de insatisfação e desconforto feminino, as expressões: “sejam submissas a seus próprios maridos”; “o marido é o cabeça da mulher”; “sejam em tudo submissas a seus maridos”; e “a esposa respeite a seu marido” falam mais alto do que os termos comparativos usados pelo apóstolo após cada expressão que aparentemente possa indicar inferioridade feminina.

Para cada expressão dirigida às mulheres ele usa outra de caráter comparativo. As expressões “como ao Senhor”, “como também Cristo é o cabeça da Igreja”, “como, porém, a Igreja está sujeita a Cristo” e “ame a sua própria esposa como a si mesmo” indicam que não há parcialidade. Há, sim, uma pista dupla pela qual marido e mulher devem chegar ao mesmo lugar.

Um esposo cristão deve esperar da esposa apenas a verdadeira submissão bíblica: “como ao Senhor”. Não deve ser uma submissão imposta pela força, mas livre e motivada pelo amor. Jamais deve estar carregada de revolta, como se fosse uma pesada obrigação, mas repleta de gratidão.

A submissão feminina deve ser motivada pela gratidão e pelo respeito. Nenhum traço de inferioridade deve existir.

O amor

A frase “maridos amai vossas mulheres” (V. 25) também soa estranha aos ouvidos masculinos. A mesma orientação não é dada para as mulheres, assim como aos homens não é sugerida a submissão às esposas. Seria o amor um sentimento apenas masculino? Só os homens têm o dever de demonstrar amor às mulheres? Não gostaríamos os homens de também se sentirem amados por suas esposas?

Outra vez temos o problema do contexto cultural em que Paulo vivia. Em muitas culturas, expressar afeto e bons sentimentos era uma atitude considerada feminina. Aos homens é ensinado que não fica bem chorar. A cultura machista tornou o homem cada dia mais insensível às necessidades emocionais da esposa e dos filhos.

O apóstolo Paulo está tentando fazer com que os homens compreendam e retribuam a afetividade que natural-

mente recebem das esposas, pois todos são iguais em natureza, embora tenham necessidades específicas. Alguns homens não sabem dizer palavras carinhosas para as esposas, porque nunca viram ou ouviram os seus pais expressando afeto para suas mães. Alguns talvez nem mesmo tenham experimentado expressões de afeto por parte dos pais, quando eles eram crianças. Como expressar o que nunca ouviram ou sentiram? Os homens têm crescido insensíveis a qualquer coisa que lembre intimidade com profundidade emocional. O homem do século 21 necessita aprender a se expressar corporal e verbalmente em forma afetiva. Isso em nada afetará sua masculinidade.

Outra vez o apóstolo introduz os elementos comparativos. O marido cris-



tão não deveria amar a esposa de qualquer maneira. Não deveria encarar como mais uma obrigação, mas deveria fazê-lo olhando para o modelo: Cristo Jesus. Deveria amar sua esposa “como também Cristo amou a Igreja” (v. 25). Esse é um tipo de amor reflexivo. Quem dá também recebe; e, quanto mais dá, mais deve receber.

Espírito de sacrifício

Jesus Se entregou pela Igreja a ponto de dar a Sua vida por ela. Foi com o objetivo de santificá-la e purificá-la que Ele Se sacrificou. Foi ainda para apresentá-la “igreja gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, mas santa e irrepreensível” (v. 27). “Assim devem os maridos amar a sua

própria mulher, como a seu próprio corpo. Quem ama a sua mulher, ama-se a si mesmo” (v. 28).

Como o Senhor Jesus “alimenta e sustenta” (v. 29) a Igreja, deve o marido estar disposto a sacrificar-se por sua esposa. Logicamente não se espera tal atitude de um marido descrente. Mas de um marido cristão, certamente, sim. Qualquer atitude hostil para fazer uma esposa sofrer está fora dos planos de Deus. O casal cristão é desafiado a manter um relacionamento motivado pela excelência do amor e do sacrifício.

Os maridos são desafiados a seguir o exemplo de Jesus Cristo como o cabeça da Igreja visível e invisível. Não uma cabeça que abriga mente doentia e insensível, mas uma mente sadia, que se preocupa com as necessidades do corpo e com o bem-estar do restante do corpo.

Igualdade e respeito

Quando o marido cristão tem atitudes dominadoras sobre a esposa, deve voltar-se para o modelo divino, pedir perdão pelas suas atitudes e perguntar-se: Devo exigir de minha esposa uma submissão cega? Estaria eu disposto a sacrificar minha vida por ela, como o Senhor Jesus morreu pela Igreja?

Em I Cor. 7:3-5, Paulo desenvolve a idéia de uma submissão mútua entre marido e mulher: “O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher. Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo consentimento.”

Nesses versos, o conceito de igualdade e respeito trazido ao mundo pelo evangelho de Jesus Cristo demonstra que qualquer união matrimonial baseada numa relação de superioridade e inferioridade, ou domínio e sujeição, está muito longe do ideal divino. A submissão feminina no modelo paulino é uma atitude reflexiva. É uma resposta à expressão de amor do seu esposo. A Igreja é submissa a Cristo em resposta ao Seu amor sacrificial. Enquanto se vive num mundo de pecado, não há outro caminho para a harmonia no lar: cada um deve submeter-se ao outro, em amor.

Em defesa do criacionismo



JOHN ASHTON

Ph.D., diretor de Pesquisas Científicas do Hospital Adventista e da Companhia de Alimentos, New South Wales, Austrália

A primeira vez em que eu me deparei com a teoria evolucionista foi quando estudei Geologia, na universidade, em 1964. E nunca me convenci da sua veracidade. A existência de tão diferentes espécies de animais e plantas, com suas funções complexas, convenceu-me de que uma inteligência suprema deveria ter designado todo o sistema.

Meu interesse particular no assunto evolução *versus* criação reacendeu poucos anos atrás, quando um grupo de estudantes cristãos apresentou um seminário sobre as evidências científicas para o criacionismo bíblico. Um proeminente cientista local assistiu à reunião e desafiou o diretor, argumentando que não podia acreditar que um cientista com Ph.D. pudesse levar à sério a história de Adão e Eva ou crer que a vida na Terra foi criada em seis dias.

A posição desse homem era compreensível. Poderia um cientista crer que o surgimento da vida na Terra tenha durado menos que dez mil anos? Como poderia tratar com o registro ou o conteúdo fóssil das rochas que tem

Diante de novas descobertas, cientistas colocam em dúvida antigos postulados evolucionistas

sido datado em milhões de anos, através de técnicas radioisotópicas? Há também as nevascas continentais e as formações geológicas massivas, tais como o *Grand Canyon* nos Estados Unidos, que parecem evidenciar que os continentes são muito velhos; tudo isso sem falar das observações astronômicas que reivindicam apoio à teoria do *big-bang*. Como poderia um cientista rejeitar todas essas evidências?

Tais pensamentos e experiências me estimularam a pesquisar, e o trabalho resultou em um livro intitulado *In Six Days: Why 50 Scientists Choose to Believe in Creation* (Em Seis Dias: Por Que 50 Cientistas Escolheram Crer na Criação).

Iniciei minha pesquisa perguntando aos colegas na Universidade de Newcastle se eles conheciam algum cientista com doutorado que acreditasse no relato de uma criação especial. Acabei encontrando o nome de um professor de Bioquímica da Universidade de Loma Linda, Estados Unidos. Em contato com ele, fiquei sabendo de outros nomes. Um mês e centenas de *e-mails* depois, eu já tinha aproximadamente 80 nomes de cientistas que estavam dispostos a dar, e permitir que fossem publicadas, as razões pelas quais eles acreditavam em uma criação literal feita em seis dias.

Eu mal podia esperar para ler o que esses homens escreveram; e enquanto o material ia sendo examinado, pude ver os argumentos e evidências do evolucionismo darwiniano serem efetivamente desafiados. Jamais lera qualquer coisa como aquilo.

Biologia da célula

Um dos primeiros temas surge relacionado com as mais recentes pesquisas sobre a biologia celular. Estudos da bioquímica da célula e a complexidade da armazenagem de informação genética ou recuperação do sistema codificado no DNA agora demonstraram que a vida não poderia vir de “não-vida”, ainda que para isso fossem necessários bilhões de anos. Esse conceito é chamado de Lei da Biogênese. Ela diz que apenas vida pode gerar vida. Décadas atrás, Francis Crick, ganhador de um prêmio Nobel por haver descoberto a estrutura do DNA, e o astrônomo inglês Sir Fred Hoyle foram despertados para esse problema.

Quando eu li isso, compreendi por que milhões de dólares são gastos hoje na procura de vida no espaço exterior. Os cientistas sabem que, para a sobrevivência da teoria evolucionista, necessitam encontrar evidências de vida chegando à Terra, oriunda do espaço exterior.

Mas tal descoberta poderia ainda não ser suficiente para salvar as pressuposições evolucionistas das conseqüências da Segunda Lei da Termodinâmica. Essa lei, exclui essencialmente a geração espontânea da vida. Ela reforça todos os aspectos da engenharia, desde o projeto submarino nuclear até a construção de foguetes. Entre outras coisas, a Segunda Lei sugere que complexidade crescida não acontece espontaneamente. Adição de energia não cria complexidade. Isso requer um agente inteligente para fazer a energia criar complexidade.

Por exemplo, uma pessoa nunca vai acordar pela manhã, depois de ter participado de uma festa e um farto jantar na noite anterior e ver que um vento, ou alguma outra forma de energia, passou pela cozinha, lavou todos os pratos e talheres e os colocou em seus devidos lugares, removeu todas as migalhas do chão e esvaziou todas as latas de lixo. Na verdade, essa cozinha nunca voltará

a ficar em ordem, nem que espere milhões de anos, a menos que alguém cuide das coisas.

Semelhantemente, uma explosão (energia) nunca produzirá um avião a jato (ou qualquer outro mecanismo genuinamente útil), mesmo se ela ocorrer cada segundo durante um bilhão de anos. Contudo, as células de uma simples bactéria são mais complexas em muitos aspectos do que um avião a jato. Em contraste, como prediz a Segunda Lei, as células, uma vez mortas, degeneram-se.

A Segunda Lei descreve a tendência universal para deterioração e decadência, que inclui a perda de informação genética. É o que precisamente observamos no mundo hoje e, exatamente, o oposto do que é necessário para a evolução ocorrer.

Diferenças de datação

O que dizer da idade das rochas supostamente provadas pela datação radioativa? Porventura, isso constitui uma forte evidência para os longos períodos de fósseis e desaprova o relato bíblico da criação? Novamente aqui as mais recentes pesquisas expõem outro mito científico.

Diferentes métodos de datação radioativa produzem, não raro, idades vastamente diversas para a mesma rocha. Uma investigação extensiva de datação radioativa encontrou um fóssil com a idade convencional superior a 350 milhões de anos. Entretanto, a datação do fóssil, usando repetidamente o método carbono-14 deu um valor ao redor de quatro mil anos. Alguns cientistas agora admitem que eles não compreendem realmente o significado das conclusões dos métodos de datação radioativa. As suposições que acompanham esses métodos de datação estão sendo questionadas.

Big bang

A teoria do big bang frequentemente é discutida pelos escritores da ciência popular; mas ela também apresenta sérios problemas. Entre outros, viola a lei de conservação do número de bárion. Por essa razão, alguns físicos no passado propuseram uma teoria unificada para salvar a teoria do big bang. Mas essas novas teorias necessitam da decomposição de prótons, a partícula elementar encontrada no átomo. Essa é uma das razões pelas quais os institutos de pesquisas têm gasto centenas de milhões de

dólares construindo aceleradores de partículas altamente energéticas.

Mesmo com tal equipamento sofisticado, todas as buscas para detectar a degeneração do próton têm falhado. A falta de evidência experimental para a violação do número de bárion coloca em questão qualquer cenário para o big bang, como origem do Universo.

Desígnio inteligente

Alguns estudiosos têm feito uma abordagem diferente e têm escolhido discutir exemplos naturais que sugerem um desígnio inteligente. Por exemplo, o sistema sonar do golfinho é tão preciso que supera a melhor tecnologia sonar da marinha norte-americana. Ele pode detectar um peixe do tamanho de uma bola de golfe a 70 metros de distância. Isso mostra a um especialista na teoria do caos que o modelo do golfinho é matematicamente programado para transmitir a melhor informação.

Tal sistema sonar inclui as lentes de som, uma estrutura sofisticada para focalizar as ondas de som emitidas que podem conduzir o golfinho aonde ele quiser. Essas lentes de som dependem do fato de que compostos gordurosos fazem com que as ondas sonoras viajem através delas em diferentes maneiras. Os compostos gordurosos, ou diferentes lípides, devem ser arranjos em forma e sequência corretas para focalizar o eco de retorno do som. Cada lípido é único e diferente do óleo normal. O lípido é feito através de um complicado processo químico, requerendo um número diferente de enzimas.

Juntamente com o exemplo do golfinho, os complexos olhos compostos de alguns tipos de trilobites, classe extinta de artrópodes, supostamente invertebrados primitivos, foram surpreendentemente planejados. Eles contêm tubos que apontam em diferentes direções, e possuem lentes especiais que focalizam a luz de qualquer distância. O desenho das lentes possui uma camada de calcita acima de outra camada de quitina com índices refrativos precisos.

Há também um limite ondulante, com precisão matemática, entre eles. O projetista desses olhos deve ter sido um mestre em física, que aplicou o que nós hoje conhecemos como as leis físicas, envolvendo o princípio do menor

tempo, de Fermat, a lei de refração, de Snell, e a lei do seno, de Abbé.

Os olhos da lagosta são únicos em uma criatura, modelados sob um esquadro perfeito com relacionamentos geométricos precisos de unidade. Os telescópios raios X da Nasa são cópia desse modelo.

Criação em seis dias

Mas o ponto essencial é este: em que base podemos nós defender a criação feita em seis dias? Por que não dez meses ou dez mil anos? Os colaboradores cujos ensaios tive a oportunidade de ler sugerem que há esmagadoras evidências científicas de que a vida deve ter sido originada muito rapidamente, porque são necessários organismos e ecossistemas completos para a sobrevivência de coisas vivas. Isso se enquadra perfeitamente no relato da criação do Gênesis.

Muitos cientistas hoje crêem em Deus. Um estudo publicado na revista *Nature*, em 1997, revelou que 39,3% dos cientistas norte-americanos acreditam em um Deus pessoal a quem eles podem orar. Quantos desses cientistas também aceitam o relato da criação? Ninguém realmente sabe, mas muitos dentre os meus colaboradores revelam que eles foram ridicularizados na Universidade ao defenderem a visão criacionista, o que não surpreende.

O livro *In Six Days: Why 50 Scientists Choose to Believe in Creation* mostra por que notáveis cientistas crêem que Deus não pode ser deixado fora de nosso pensamento. Na verdade, insistir nas causas materiais para cada coisa, mesmo onde as evidências apontam para um Criador inteligente, soa como religião, não ciência. Mas esse tipo de pensamento penetra nossas escolas e universidades hoje. Também leva ao pensamento ilógico, tal como a origem espontânea da vida.

De fato, se os estudantes são ensinados que eles são um arranjo complexo de materiais químicos, originado por um acidente cósmico, não surpreende que alguns acabem vivendo como se não significassem coisa alguma; como se a moralidade, os valores, mesmo a violência e a promiscuidade nada representem.

Todos os que crêem e aceitam que são descendentes de Adão e Eva, feitos à imagem e semelhança de Deus, sentem-se bem consigo mesmos e com o mundo.



A arte de visitar enfermos



ERIC SEGAWA

Pastor associado da Igreja Cristã Japonesa em San Leandro, Califórnia, Estados Unidos

Minha mãe estava morrendo de leucemia aguda. Junto ao seu leito, consciente de que ela não iria se recuperar, eu me sentia desesperado e desamparado enquanto observava seu sofrimento. Mas, ainda no vale da sombra da morte, encontrei conforto em duas pessoas: num jovem médico e em meu pastor.

Lembro-me do médico pela esperança que ele inspirava com sua presença e suas palavras gentis. O pastor trouxe um toque espiritual que era muito confortador. Para eles, minha mãe era importante e digna de toda atenção.

No espaço de nove meses, acompanhei minha mãe até sua morte, no hospital; um drama vivido por muitas famílias todos os dias. Eu sabia que Deus podia curá-la, mas não orei por um milagre. Orei por esperança; e Deus me atendeu pelo trabalho do médico e do pastor.

Embora a visitação hospitalar não seja um evento tão público como a pregação, é um ministério necessário. Pastores compassivos e habilidosos são excelentes ministros dessa esperança. E esse trabalho tem sido negligenciado por alguns pastores, por três possíveis razões: falta de prioridade, falta de habilidade, e temor.

Prioridade

A falta de prioridade é resultado de ver a visitação como um ministério de pouco significado e visibilidade. Mas Jesus definiu prioridade não em termos de visibilidade e popularidade, mas em termos de cuidado e compaixão individuais.

Apesar da popularidade e publicidade que a multidão Lhe poderia trazer, Jesus parou para atender necessidades de pessoas, dar-lhes conforto e saúde. Para Ele, ministrar aos indivíduos é tão importante, talvez mais importante, quanto ministrar às multidões.

A prioridade de Jesus era a necessidade da pessoa, quem quer que fosse, onde quer que estivesse, como estivesse. Nossas prioridades tornam-se distorcidas quando não empregamos o melhor do nosso tempo pastoreando o rebanho (1 Ped. 5:2).

Habilidade

Junto com o fator prioridade, o pastor deveria ter habilidades práticas para tornar efetivo o ministério da visitação hospitalar. Tais habilidades incluem coisas simples como respeitar o paciente e o hospital.

Antes de visitar alguém num hospital, devemos informar-nos se o paciente ainda está lá. Devemos também respeitar o ambiente do hospital. O paciente tem um aguçado sentido de olfato e pode se incomodar com perfumes fortes. Até a roupa que vestimos durante a visita pode enviar uma mensagem errada. Devemos lavar as mãos antes e depois da visita.

Antes de entrarmos no quarto necessitamos saber o nome do paciente e da enfermeira que o atende. Isso ajuda a dar um toque pessoal à visita. Ao chegar no quarto, devemos ler os avisos e aderir aos sistemas da instituição quanto ao uso de luvas, máscaras, etc.

Bata à porta antes de entrar e abra-a gentilmente. Respeite o paciente. Se for cumprimentá-lo com um aperto de mão, faça-o com cuidado.

Mesmo que não demore muito, faça o paciente sentir seu cuidado. Um toque gentil, uma palavra amável, uma oração atenciosa e um sorriso, transmitem conforto. Não faça perguntas inconvenientes. Também não precisa pregar. Ouça. Deixe o paciente falar o que deseja. Frequentemente ele quer mais a sua presença do que suas respostas.

Se o paciente não pode falar, não fale muito também. Talvez ele não tenha energia suficiente para ouvir. Um gesto cuidadoso e um sorriso podem levar empatia, mais que palavras. Caso ele esteja tentando dizer algo que você não consegue discernir, preste atenção e responda de modo encorajador.

Suas mãos podem às vezes proclamar o evangelho mais profundamente que o melhor sermão. Enquanto você ora, tome a mão do paciente, se isso for desejável. Concentre-se nele, não em você mesmo. Não se apresse; não faça o paciente sentir-se como um item de um compromisso. Ouça e ore.

Temor

Para alguns pastores, a visitação hospitalar pode ser uma experiência de medo. Visitei certa vez um hospital para atender um casal cujo único filho sofrera morte cerebral. Embora o pai tentasse se compor, a esposa estava destruída. A situação ficou pior quando os avós chegaram. O que você diria a esses pais e avós cujos sonhos foram destruídos ao redor daquela criança? Eu não tinha palavras. Até orar parecia difícil. Eu estava golpeado com meus temores.

Esse não é um temor de incompetência, fraqueza intelectual ou cansaço emocional. Ele surge para lembrar-nos que não estamos no controle. Como pastores, necessitamos aceitar que o temor, em tais situações pode funcionar como remédio para nosso ego. Nessas ocasiões, podemos ficar em silêncio, permitindo que ele nos revele quão humanos somos e como podemos partilhar do sofrimento alheio.

Ver a Deus através da humanidade do pastor produz esperança, mesmo nas piores circunstâncias. Pastorear em um hospital significa que somos o toque pessoal da presença de Deus às pessoas que necessitam dEle.

O evangelho deturpado



GARTH H. BAINBRIDGE

Pastor adventista em Sydney, Austrália

A compreensão dos ensinamentos de Paulo requer familiarização com sua terminologia e a situação para a qual ele estava falando. Alguns dos temas que ele aborda não são muito relevantes hoje, mas outros continuam bem atuais. Isso é especialmente verdade a respeito da carta aos gálatas, que mostra o equilíbrio altamente necessário entre fé e obediência.

Inicialmente, Paulo aborda o problema com as seguintes palavras: “Admirame que estejais passando tão depressa daquele que vos chamou na graça de Cristo para outro evangelho, o qual não é outro, senão que há alguns que vos perturbam e querem perverter o evangelho de Cristo” (Gál. 1:6 e 7). A perversão aqui mencionada refere-se ao âmago do evangelho de Cristo, ou seja, o relacionamento entre fé e obediência, em termos de salvação humana.

Ele identifica duas perversões. Primeira, a tentativa de aperfeiçoamento “na carne” (Gál. 3:3), isto é, através de esforços humanos. Evidentemente, nada há errado com as boas obras; o problema é o que pretendemos fazer com elas. A sutileza do evangelho pervertido é que ele concentra sua esperança de salvação no conceito “Jesus mais obediência”. Então, focalizamos

Cristo nos liberta, não para que nos tornemos libertinos; mas para que sejamos obedientes e felizes filhos de Deus, membros ativos e participantes de Sua família

nossa idéia na suposição de que as obras têm um particular quociente de justiça para nós e para outras pessoas.

A segunda perversão é a idéia de um evangelho libertino, que barateia a graça de Deus, transformando-a numa licença “para dar ocasião à carne” (Gál. 5:13). A obediência não perde sua importância à luz do evangelho. Jamais Paulo poderia chamar seus leitores a interpretar seu entusiasmo pelo evangelho como uma ofensiva contra a lei. Sua preocupação com um viver justo era a mesma com o conceito de salvação pela graça.

De judeu a cristão

Tão convencido Paulo estava da veracidade do que pregava que disse: “... se alguém vos prega evangelho que vá além daquele que recebestes, seja anátema” (Gál. 1:9). Essa afirmativa enfática, também mencionada no verso 8, é fundamentada em dois fatores.

O primeiro é sua compreensão de que seu evangelho é fruto de um encontro pessoal com Cristo: “Faço-vos, porém, saber, irmãos, que o evangelho por mim anunciado não é segundo o homem, porque eu não o recebi, nem o aprendi de homem algum, mas mediante revelação de Jesus Cristo” (Gál. 1:11 e 12). Tal encontro causou-lhe uma dramática mudança. Até então, ele via Jesus como uma ameaça à crença estabelecida. Como um judeu tradi-

cional, via a teologia cristã com horror e desespero. Zelo na defesa da sua fé, Paulo “perseguiu a Igreja de Deus e a assolava” (v. 13).

O encontro com Jesus, no entanto, levou-o a interpretar o Antigo Testamento à luz de Cristo. Tornou-se claro para ele que “quantas são as promessas de Deus, tantas têm nEle [Cristo] o sim” (II Cor. 1:20). Sua estrutura judaica foi desmontada pela nova revelação que rasgou o véu através do qual ele sempre lera as Escrituras (II Cor. 3:14). A antiga esperança de salvação por obras deu lugar à certeza de salvação apenas em Cristo (Fil. 3:4-7).

A segunda base para sua convicção foi o reconhecimento pela Igreja à sua mensagem. A revelação que recebera de Cristo criou o principal paradigma de mudança, não apenas para Paulo mas também para a Igreja. Alguns judeus crentes não estavam prontos para fazer a mudança e foram convencidos de que deveriam lutar pelas práticas históricas como indispensáveis contribuições para sua salvação. A visão de Paulo sobre tal reação era que alguns falsos irmãos “se entremeteram com o fim de espreitar a nossa liberdade que temos em Cristo Jesus e reduzir-nos à escravidão” (Gál. 2:4).

Por isso, ele e Barnabé foram a Jerusalém expor o evangelho pregado aos gentios. Desejava que os líderes da Igreja o examinassem e o confirmas-

sem. A Igreja, por sua vez, deveria estar preparada para expandir sua compreensão e não ficar presa às tradições e ortodoxia estabelecidas como verdade imutáveis. Assim, a Igreja deu o grande passo ao reconhecer que a verdade é dinâmica e que os ensinamentos e práticas do Antigo Testamento, à luz do evangelho, se cumpriam em Cristo.

Paulo versus Pedro

Houve uma ocasião em Antioquia quando as afirmações de Paulo sobre o evangelho tiveram de ser publicamente defendidas contra a duplicidade de Pedro (Gál. 2:11). Pedro foi acusado de estar sendo incoerente e hipócrita, associando-se aos crentes gentios e, posteriormente, afastando-se, “temendo os da circuncisão” (Gál. 2:12). Esses indivíduos chegaram com uma atitude crítica, procurando oportunidade para combater os irmãos que defendiam o evangelho. Na presença dessas pessoas, Pedro recuou, comprometendo as implicações do evangelho. Paulo o repreendeu severamente.

Seu protesto foi uma defesa dos princípios e práticas do evangelho. O comportamento de Pedro refletia o conservadorismo ultra-divisório do grupo da circuncisão. Em Jerusalém, ele tinha falado decisivamente em favor de um evangelho livre do aparato judaico (Atos 15:10). Agora, em Antioquia, alinhara-se com os que queriam forçar

os gentios a seguirem os costumes judeus. Paulo sentiu que tal atitude poderia encorajar os inimigos do evangelho.

Para Paulo não havia lugar para compromisso ou negociação com quem desejava conservar os vestígios do judaísmo, sincronizando-os com o paradigma do evangelho. “Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei e sim mediante a fé em Cristo Jesus, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, pois, por obras da lei, ninguém será justificado” (Gál. 2:16).

O assunto subjacente aqui é o estabelecimento da justiça diante de Deus através da fé em Cristo e não por obras da lei. A questão ainda permanece: Somos nós justificados por nosso comportamento, ou por aceitar os méritos de Jesus em nosso favor, sem qualquer contribuição de nossa obediência? Essa não é uma questão para debate teológico ou argumentação semântica. É uma questão com a qual lutamos diariamente. Em nossa experiência diária, fé e obediência devem encontrar, cada uma, sua correta posição e função.

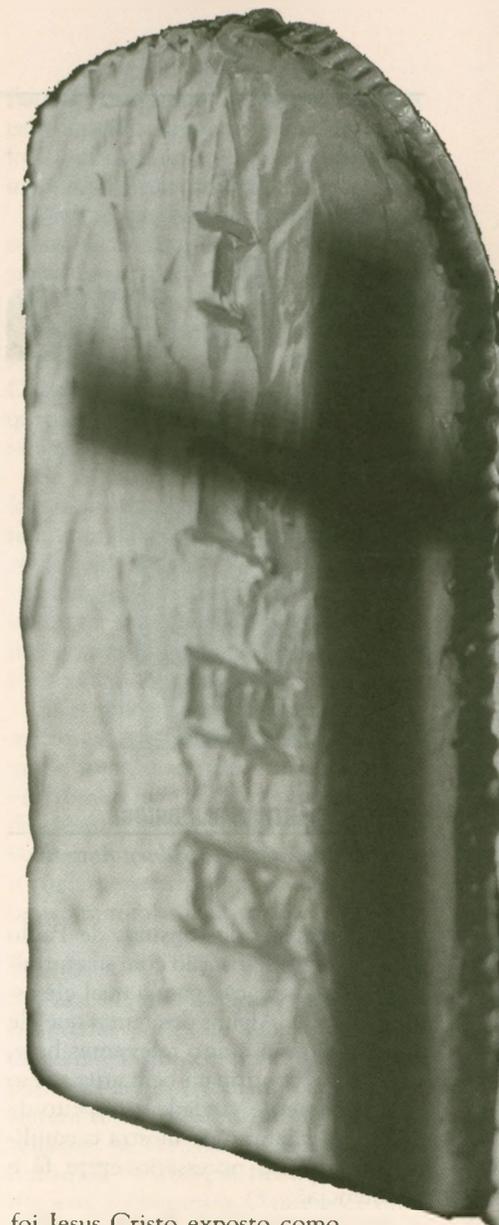
Três vezes (2:16) Paulo argumenta contra qualquer contribuição da obediência para a nossa justificação. Essa não é sua função. Lutamos para aceitar isso, especialmente quando nos vemos como cristãos guardadores da lei. Nossa justificação reside numa única base: fé em Cristo. A fé aceita a impecabilidade da obediência de Cristo, a nós imputada, como suficiente para nossa justificação diante de Deus.

Mas agora surge uma questão: “Mas se, procurando ser justificados em Cristo, fomos nós mesmos também achados pecadores, dar-se-á o caso de ser Cristo ministro do pecado?” (Gál. 2:17). Ao justificar pecadores, estaria Cristo permitindo-lhes pecar com impunidade? Tal atitude não removeria qualquer motivação para guardar a lei? Paulo responde: “Certo que não! Porque, se torno a edificar aquilo que destruí, a mim mesmo me considero transgressor” (vs. 17 e 18).

O que destruí quando me voltei para Cristo? Nada mais que o “velho homem”, o “corpo do pecado” (Rom. 6:6). Ele refere-se a si mesmo como tendo sido pregado à cruz em Cristo, condenado a morrer; e de fato morreu e vive apenas em virtude da ressurreição do Cristo que vive nele: “Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim” (Gál. 2:20). Pecado e Cristo são incompatíveis na mesma vida. A motivação para obedecer não é alcançar a justificação, mas manter um relacionamento correto com Jesus. Pela fé vivemos em e através de Cristo. “Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus” (Gál. 2:19).

Fazendo-se de bobo

Paulo é franco e rigoroso com os gálatas: “Ó gálatas insensatos! Quem vos fascinou a vós outros, ante cujos olhos



foi Jesus Cristo exposto como crucificado? Quero apenas saber isto de vós: recebestes o Espírito pelas obras da lei ou pela pregação da fé? Sois assim insensatos que, tendo começado no Espírito, estejais, agora, vos aperfeiçoando na carne?” (Gál. 3:1-3).

Os gálatas não foram os únicos insensatos que a Igreja conheceria. Muitos cristãos têm a visão errônea de que somos justificados pela fé, mas daí em diante somos santificados pela combinação de fé e obras. Tendo começado com o Espírito (crendo), há muitos na Igreja para os quais o processo deve ser completado pela observância da lei (conquistando).

Um exemplo de salvação pela fé é Abraão, que foi justificado por crer em Deus antes de fazer qualquer obra. Isso foi especialmente significativo no contexto da luta sobre a circuncisão.

*Somos salvos
pela fé. Pela fé
recebemos o dom
do Espírito e
todas as demais
bençãos da
salvação.*



Abraão foi declarado justo antes e sem referência à circuncisão. A promessa de bênção feita ao patriarca e seus descendentes foi evangélica e pertencida tanto a judeus como gentios: “Em ti serão abençoadas todas as nações”. Assim como a bênção veio a Abraão através da fé, passou a todos os outros crentes na mesma base.

O evangelho declara que Cristo tomou a maldição de nossa inadequação espiritual sobre Si mesmo, redimindo-nos das conseqüências da nossa desobediência. Ele já cumpriu o requerimento de perfeita obediência e levou, sobre a cruz, a penalidade que merecíamos.

Quando cremos nisso, a bênção da salvação é nossa. Somos salvos pela fé. Pela fé recebemos o dom do Espírito e todas as demais bênçãos da salvação.

O papel da lei

Se nossa obediência não nos torna justos diante de Deus, qual é então a função da lei? Paulo responde:

“Qual, pois, a razão de ser da lei? Foi adicionada por causa das transgressões, até que viesse o descendente a quem se fez a promessa...” (Gál. 3:19). Nesse contexto, “por causa das” é uma declaração de propósito, não de conseqüência. Isto é, a lei foi adicionada com o propósito de confirmar o pecado como tal. A lei foi dada para fazer uma declaração clara e judicial sobre o pecado. Ela estabelece o problema; não provê solução para ele.

“Se fosse promulgada uma lei que pudesse dar vida, a justiça, na verdade, seria procedente de lei” (Gál. 3:21). A lei, como Paulo diz, é absolutamente santa e justa; mas não pode justificar. A razão para essa limitação não está na lei, mas na humanidade incapacitada, que é prisioneira do pecado, “sob a tutela da lei e nela encerrados, para essa fé que, de futuro, haveria de revelar-se” (Gál. 3:23).

Qual é então o papel da lei? Servir “de aio para nos conduzir a Cristo, a fim de que fôssemos justificados por fé” (v. 24). A lei é como um supervisor que escolta uma criança travessa à escola e senta-se ao seu lado para discipliná-la sempre que necessário.

A lei serve a uma tríple função: apontar nosso pecado, aprisionar-nos e nos mostrar a vara. Tanto no sentido experimental histórico e pessoal, a lei mantém esse papel até a vinda do descendente. “Mas, tendo vindo a fé, já não permanecemos subordinados ao aio” (Gál. 3:25). Com a entrada de Cristo na História e nossa aceitação pessoal dEle, nosso relacionamento com a lei passa a ser positivo. Sob o novo concerto, no qual entramos através de Cristo, a lei é escrita em nosso coração.

Escravo ou filho?

A mudança de *status* para aqueles que estão em Cristo é de escravo para filho. Essa é uma distinção altamente significativa. Duas pessoas vivem na mesma casa sob as ordens do mesmo líder. Uma é um escravo; e a outra, um filho. O que cada uma é em relação ao

líder da casa determina a natureza fundamental do seu relacionamento com ele. Há um contraste marcante entre a condição de escravo e a de filho; a condição de uma pessoa sob a lei, e a de outra que está em Cristo.

O coração do contraste reside na diferença entre servidão e liberdade. Os cristãos gálatas colocaram-se num relacionamento padrão-escravo, em relação a Deus, impondo-se regras, guardando “dias, e meses, e tempos, e anos” (Gál. 4:10). Paulo atribui isso à imaturidade espiritual. Uma criança menor, diz ele, “em nada difere de escravo” (Gál. 4:1). Uma criança vive sob leis e diretrizes. Tem muito pouca liberdade para agir por iniciativa própria. Igualmente, um cristão imaturo tem uma preferência por diretrizes e regras, pelas quais regula sua vida. Dessa forma, alguém pode ser escravo na casa de Deus.

Em contraste, um filho tem direitos e se relaciona com o pai, diferentemente do escravo. “E, porque vós sois filhos, enviou Deus ao nosso coração o Espírito de Seu Filho, que clama: Aba, Pai! De sorte que já não és escravo, porém filho; e, sendo filho, também herdeiro por Deus” (Gál. 4:6 e 7). Uma pessoa que vive em servidão jamais pode experimentar a plenitude da filiação. Todo favor tem de ser merecido, toda lei deve ser respeitosamente cumprida, não em alegria mas por obrigação. O relacionamento com o patrão é sempre uma aventura, nunca uma certeza.

Os crentes gálatas caíram nesse *status* de servidão, relacionando-se com Deus através de mera obediência a regulamentos. “Que é feito, pois, da vossa exultação?” (Gál. 4:15), Paulo pergunta. Um filho não vive sem regras, mas seu relacionamento com o pai não está baseado nelas. O direito de sermos chamados filhos de Deus é devido à obra redentora de Jesus e ao dom do Espírito Santo recebido pela fé (Gál. 4:5 e 6).

Pela aceitação de Cristo como Salvador, nosso relacionamento com a lei passa a ser positivo. Sob o novo concerto, a lei é escrita em nosso coração.

Sara e Hagar

A história de Hagar e Sara ilustra a distinção entre o verdadeiro evangelho e o perverso; a diferença entre um escravo e um filho. Hagar representa a solução humana calculada e direcionada para atingir os ideais divinos. Ao invés de esperar em Deus para cumprimento da promessa, Abraão e Sara embarcaram num curso de ação baseado na idéia “Deus-ajuda-a-quem-se-ajuda”.

Devido a barreiras naturais, Abraão não podia ver como Deus poderia cumprir a promessa de lhe dar um filho. Assim, tomou sua escrava Hagar e com ela teve Ismael. Hagar e Ismael se tornaram símbolos das conseqüências que ocorrem na vida de todos os que, incapazes de ver como Deus pode cumprir Suas promessas, tentam combinar o esforço humano com a fé, para torná-las reais.

Paulo estabelece contrastes entre os dois filhos de Abraão. Primeiro, “o da escrava nasceu segundo a carne; o da livre, mediante a promessa” (Gál. 4:23). O primeiro nasceu por um processo humano; o outro foi um milagre. Segundo, “estas mulheres são duas alianças” (v. 24). Uma associada com o Monte Sinai e a cidade de Jerusalém, cujos filhos, de fato, eram servos dos romanos. A outra, ligada à Nova Jerusalém, era a mãe do filho livre. Terceiro contraste, “o que nascera segundo a carne perseguia ao que nasceu segundo o Espírito” (Gál. 4:29). Esse é um paralelo relacionado com a perseguição dos judaizantes contra Paulo e o evangelho.

O apóstolo cita as palavras de Sara, segundo Gênesis 21:10: “Lança fora a escrava e seu filho, porque de modo algum o filho da escrava será herdeiro com o filho da livre” (Gál. 4:30). O filho de Hagar nasceu da servidão. Ela não tencionava ser a mãe dos filhos de Abraão. Do mesmo modo, a lei nunca teve o propósito de gerar filhos. Em virtude de nossa pecaminosidade, ela somente pode gerar servidão. Apenas quando somos nascidos de novo, por um ato miraculoso de Deus através do Seu Espírito, nos tornamos herdeiros da salvação; verdadeiros filhos e filhas, agindo com genuína liberdade e responsabilidade, como membros da família de Deus.

Paulo via a circuncisão como o sinal de servidão entre os cristãos gálatas. Diz que ela foi introduzida com Abraão, não como uma opção, mas como um mandamento divino. Devia ser o sinal do concerto que fez de Israel

o povo escolhido de Deus. Permaneceu como um sinal e “selo da justiça da fé que teve [Abraão] quando ainda incircunciso” (Rom. 4:11).

Entretanto, Paulo diz agora que “em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum” (Gál. 5:6). Mais que isso, seu valor é negativo: “Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará” (Gál. 5:2).

Entre dois caminhos

A escolha a ser feita é entre o caminho da obediência legal e o caminho de Cristo. Não há uma terceira alternativa. O valor da circuncisão está no que ela significa: “De Cristo vos desligastes vós que procurais justificar-vos na lei; da graça decaístes” (Gál. 5:4).

Ao contrário do caminho da lei, Cristo nos dá liberdade, embora com limites. “Porque vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor” (5:13).

Paulo jamais deve ser entendido como descartando a lei, quando desmascara o seu desuso como mecanismo de salvação. O livramento que temos em Cristo inclui libertação do sutil otimismo no qual às vezes nos apoiamos quando entendemos a obediência como razão para aceitação e justificação diante de Deus. Cristo, através do Espírito Santo, nos liberta da tirania de nossa natureza pecaminosa, ao tratar com nossa culpa e nossas fraquezas morais. Ele nos liberta, não para que nos tornemos libertinos, mas para que sejamos felizes e obedientes filhos de Deus, ativos e participantes membros da Sua família.

A alternativa para que a liberdade não se torne libertinagem é o caminho do amor. As demandas do amor são mais profundas do que a letra da lei, mas elas não substituem seus mandamentos específicos. O amor cumpre a lei e vai além do esperado. A observância da lei reúne o mínimo de requerimento e ênfase para evitar o erro. O amor vai além, servindo, dando-se, fazendo e obedecendo; ele não apenas evita o erro, mas faz o bem. “Porque toda a lei se cumpre em um só preceito, a saber: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Gál. 5:14). A vida e o comportamento do cristão amadurecido são tão superiores aos do caminho

imaturo da obediência legal, como Cristo é superior à letra do código.

O comportamento de alguém livre em Cristo é moderado pelo Espírito. Tendo ouvido o fruto do Espírito, em contraste com os atos da natureza pecaminosa, Paulo estabelece: “Contra estas coisas não há lei” (Gál. 5:23). Os atos da natureza pecaminosa são condenados pela lei; a vida do crente cheio do espírito é aprovada pela lei. “E os que são de Cristo Jesus crucificaram a carne, com as suas paixões e concupiscências” (Gál. 5:24).

Além disso, “aquilo que o homem semear, isso também ceifará” (Gál. 6:7). Paulo liga esse princípio de vida às últimas conseqüências. Se nós semearmos para agradar a natureza pecaminosa, colheremos destruição, porque a natureza pecaminosa é destinada à destruição. Se semearmos para agradar ao Espírito, ceifaremos vida eterna, porque Ele é a fonte de vida.

A cruz, nossa glória

Em suas palavras finais aos gálatas, Paulo combate a religiosidade exterior. “Todos os que querem ostentar-se na carne, esses vos constroem a vos circuncidardes, somente para não serem perseguidos por causa da cruz de Cristo” (Gál. 6:12). Eles desejam vangloriar-se de cumprir realizações que elevaram ao nível de cristianismo essencial. Apreciam citar as Escrituras no contexto do antigo caminho, mas o seu foco é enganoso. “Querem que vos circuncideis, para se gloriarem na vossa carne” (Gál. 6:13). Com todo o seu argumento de perfeita observância da lei, eles não podem apontar um único exemplo entre eles mesmos de alguém realmente fazendo o que requerem.

Paulo se gloria em uma única coisa: a cruz de Cristo. Se temos que nos gloriarmos em alguma coisa, gloriemo-nos no que Ele fez por nossa salvação. Não nos gloriemos pelo que estamos fazendo por Ele, mas pelo que Ele tem feito por nós. “Pois nem a circuncisão é coisa alguma, nem a incircuncisão, mas o ser nova criatura” (Gál. 6:15)

Há muito que nós podemos fazer por nós mesmos, mas não podemos mudar nosso coração. O que conta com Deus é o que somente Ele tem feito e pode fazer por nós. É nisso que devemos descansar a nossa fé e encontrar o motivo da nossa glória.

O pastor solitário



LARRY YEAGLEY

Pastor jubilado, reside em Charlotte, Michigan, Estados Unidos

Solidão profissional é um vírus que ataca os pastores. Ao contrário dos primeiros apóstolos que foram enviados dois a dois, a maioria dos pastores trabalha só. Quando esse problema é ignorado, o isolamento faz com que alguns busquem outra profissão.

A solidão é como a fome. Todos nós sentimos uma fome saudável que nos leva a procurar comida. Os pastores podem estudar para um sermão durante cinco ou seis horas. Depois disso, ficam ansiosos pela companhia da família ou dos colegas de trabalho. Isso é normal. Demonstra que necessitamos de contato humano.

A solidão profissional pode ser causada por alvos pastorais irrealísticos, reduzido contato ou falta de afirmação da parte do pessoal administrativo, incompreensões por parte dos membros da congregação, exercício do ministério em lugares mais afastados, durante muito tempo, e falta de confiança profissional.

A verdade é que a solidão é um assunto sério. Com base em pesquisas que ele mesmo efetuou, e divulgadas em livros publicados nos Estados Unidos, o Dr. James J. Lynch garante que a

Quando a solidão bate à porta, a melhor saída é conversar com Jesus. Ele a conhece por experiência própria e sabe como ajudar

solidão é o maior fator de risco relacionado a mortes prematuras. Suas pesquisas, ao lado de estudos similares feitos por outros profissionais, mostram que a solidão entre pastores e respectivas famílias deve ser tratada pelos administradores, se é que eles estão realmente interessados no bem-estar da força operante da Igreja.

Falta de afirmação

A primeira vez que tive a oportunidade de relacionar solidão e falta de afirmação foi quando assisti a um seminário de evangelismo. Um outro pastor foi indicado como meu companheiro de quarto e, na primeira noite, saímos e passamos o resto da noite partilhando nossos problemas, temores, preocupações e sonhos pessoais relacionados ao trabalho. A parte mais incômoda do diálogo foi o fato de que ele já estava decidido a deixar o ministério pastoral. Os efeitos cumulativos da solidão levaram-no ao limite de uma depressão crônica.

Os ministros, com frequência, sentem-se incompreendidos. Eles têm uma visão para a Igreja e idéias criativas para torná-la realidade. Porém, suas idéias não se harmonizam com a maneira usual de fazer as coisas. Então desenvolvem o sentido de que estão sós, em uma ilha distante.

Eu acabara de ministrar uma aula para ministros, em um seminário, quando um pastor com doze anos de

experiência pediu para falar comigo. Mal conseguiu falar durante uns poucos minutos e foi às lágrimas. Deixei-o chorar à vontade. Depois, conseguiu relatar-me a verdadeira crueldade experimentada nas mãos de alguns membros da sua congregação. Procurou ajuda com um líder de sua região, mas este tripudiou sobre sua queixa, minimizando o problema. O pastor exibia muitos sinais de depressão crônica. Minha sugestão foi que ele procurasse aconselhamento profissional especializado.

Em outro seminário de aconselhamento pastoral, os assistentes eram pastores que foram integrados ao ministério anos antes de cursar o teológico. Mostrei um vídeo sobre solidão e pedi aos alunos que relatassem suas experiências nessa área, caso se sentissem dispostos. A resposta foi imediata e emocionalmente tocante. Fiquei chocado com o grau de solidão que veio à tona.

Recentemente li um obituário que anunciava a morte do capelão de um hospital. Eu o conhecia muito bem. Dizendo apreciar meu estilo de ministério hospitalar, algumas vezes ele me convidou para almoçar e partilhar experiências. Pelo menos uma vez, a conversa durou umas duas horas. Seu estilo de visitação hospitalar era gracioso e pastoral, mas o chefe da capelania não concordava com ele, achando que devia ser mais clínico. Meu amigo procurou modelar seu ministério pelo de Jesus e não via razão para adotar um esti-

lo que parecesse mais psicológico. Ele era uma pessoa gentil e cuidadosa que imitava a Cristo junto ao leito do enfermo. Mas, todos os dias, enfrentava a desaprovação do chefe, que chegou a sugerir várias vezes seu afastamento do trabalho.

Meses depois, encontrei-o na casa de seu irmão. Ele havia lutado durante tanto tempo com a solidão de ser incompreendido que acabou sucumbindo à depressão. Ficou doente e foi jubulado prematuramente. Morreu cedo, talvez, em virtude dos anos de solidão profissional.

Sei de outro pastor que gastou os últimos dez anos de seu ministério em uma área dos Estados Unidos onde a ênfase absoluta e total era sobre evangelismo público. Ele era conhecido como um pastor que alimentava as ovelhas e ministrava corretamente as necessidades de sua congregação. Mas quando ia aos concílios nunca tinha chance de falar sobre seu trabalho, preocupações e interesses, muito menos recebia qualquer mostra de apreciação, da parte dos líderes, por seu estilo de trabalho. Durante dez anos, ele se sentiu um “peixe fora d’água”. Sempre deixava aquelas reuniões sentindo-se muito só.

Indubitavelmente, trabalhar sem afirmação e um senso de pertinência, durante anos, produz um permanente sentido de solidão.

Comunicação interpessoal

Algumas igrejas parecem especialmente controladas por forças destrutivas. Isso é manifestado algumas vezes nas reuniões de comissão. Não raro, quando uma congregação entra em clima de guerra, o pastor é jogado no fogo cruzado. Já presenciei muitas reuniões nas quais tremi por dentro e senti como se quisesse sair de mim e chorar. Já me vi sob ataque, necessitando defender-me. Anos de encontros interpessoais nada amistosos, sendo obrigado a defender-se, criam solidão. De acordo com James Lynch, tais experiências, a longo prazo, contribuem para o surgimento de doenças cardiovasculares, devido aos frequentes picos na elevação da pressão sanguínea.

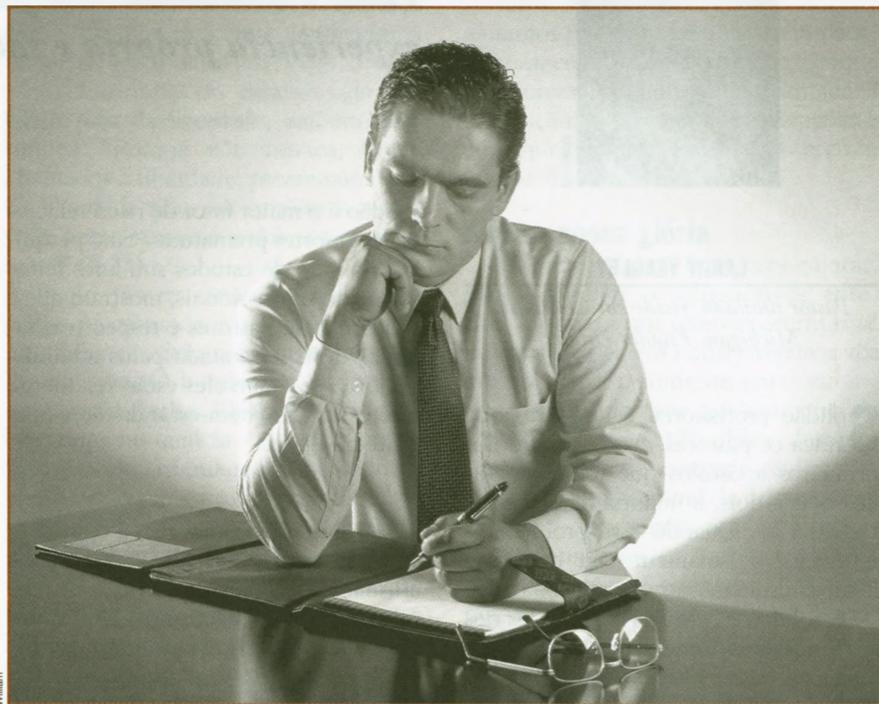
Alguns membros da igreja que desempenham funções de liderança, durante muitos anos, costumam ver o pastor como uma ameaça ao seu status. Não importa o que o pastor faça, torna-se o alvo preferido desses irmãos.

Um determinado pastor falou-me a respeito de um ancião que o insultara e humilhara durante uma reunião administrativa da igreja. O homem reclama de uma suposta inoperância do pastor. Sugerir que fosse visitar o ancião e lhe dissesse algo como: “Irmão, eu pensei que o senhor soubesse qual é meu papel. Entendo-me como um pregador que pode fazer um bom trabalho somente se tiver tempo suficiente para estudar e orar. Acredito na visitação, especialmente aos doentes e desanimados. As Escrituras me aconselham a ajudar cada membro a desenvolver seus dons. Também tenho compromisso com minha esposa e meus filhos.

cífico. Já não precisava mais defender-se; estava seguro de que seu papel fora compreendido.

Expectativas irreais

Um jovem pastor confidenciou-me que estava pensando em deixar o ministério pastoral porque também se cansara da solidão e por causa do sentimento de competição relacionado aos alvos, existente nos encontros ministeriais. Por alguma razão, ele achava que não conseguia acompanhar o ritmo dos demais. Aconselhei-o a tentar trabalhar durante seis a oito horas diárias, eliminando as coisas supérfluas e priorizando o que realmente era essencial.



Creio que Deus quer que eu seja um modelo de vida espiritual saudável, esposo e pai. Então, conto com o irmão para me ajudar a cuidar dos assuntos administrativos da congregação. Sei que o irmão tem dons e habilidades nessa área. Não quero atrapalhar sua liderança aqui.”

Passaram-se algumas semanas antes que o pastor fosse visitar o ancião. Mas quando isso aconteceu, os resultados foram surpreendentes. O homem falou: “Tenho sido cruel para com o senhor. Tenho colocado um jugo muito pesado sobre seus ombros. Quero pedir-lhe perdão. Vou apoiá-lo em seu papel de pastor.”

O pastor conseguiu remover um grande problema. Como resultado, seu ministério naquela igreja tornou-se pa-

Não demorou muito para que entendesse que ele mesmo fora seu pior inimigo. Estava encaminhando-se para a solidão e depressão, por alimentar expectativas irreais. Pensava em mudar de função, mas continuava pastoreando igrejas havia muito tempo.

Eugene Peterson escreveu um livro a respeito do que é desnecessário a um pastor. Li esse livro com raro entusiasmo. Segundo Peterson, é desnecessário a um pastor viver acima das expectativas dos membros de sua congregação e dos administradores. Ele crê que também é desnecessário ao pastor viver acima de suas próprias expectativas. A razão é simples: nem todas as expectativas são realísticas ou saudáveis, não importa quem as formule.

Assisti a um congresso pastoral, no qual um evangelista esboçou uma lista do que considerava um pastor de sucesso. Segundo sua fala, esse pastor tinha de visitar os membros e dar estudos bíblicos todos os dias, o dia todo, inclusive nos finais de semana. Na sexta-feira à noite deveria dar os últimos retoques no sermão do sábado pela manhã, entre outros itens. Mas ele nada falou sobre devoção pessoal, vida familiar e lazer. Esse é justamente um exemplo de expectativas mal orientadas. Se um pastor levar essa fórmula a sério, o resultado será desânimo e solidão profissional.

A solução

O clamor do pastor solitário verdadeiramente não está sendo ouvido, como o Dr. Lynch mostra em seus estudos. O pastor deve desenvolver uma sensata aproximação do seu trabalho, de modo a promover boa saúde espiritual, emocional e física. As seguintes sugestões são simplesmente sugestões. Afinal, cada pastor vive e trabalha em uma realidade diferente. Mas prevenir-se contra a solidão profissional fará diferença.

Tome tempo para si mesmo. Esse tempo é seu. O consenso geral é que seja na segunda-feira. Seja qual for o dia, não é tempo reservado para estudar ou preparar sermões. É tempo de lazer, brincar, passear, espairecer, sair com a família, divertir-se, fazer o que desejar e precisar, menos trabalhar. Não é tempo para ser relatado como dia de trabalho.

Tome tempo para a família. De certa forma, esse ponto está ligado ao anterior. O divórcio é cruel e deve ser prevenido. Não apenas devasta o esposo e a esposa, mas também causa grande impacto negativo nos filhos.

A intimidade e o diálogo experimentados em um casamento e vida familiar saudáveis protegem contra a solidão. Os pastores não podem prescindir da qualidade e quantidade de diálogo com aqueles que o amam e aos quais ele ama.

Não se deixe manipular. Se você não estabelece sua própria agenda, outros o farão. Aliás, não falta gente desejosa de fazer isso. Você é a única pessoa que pode fazer o equilíbrio nesse assunto. Controle você mesmo a sua própria vida.

Cuide-se. O estresse leva à solidão.

O Dr. Lynch sugere que olhar os peixes nadando em um aquário tem maior potencial para reduzir o estresse do que todas as técnicas de relaxamento e psicoterapia juntas. Um pastor que conheci costumava fazer longas caminhadas na mata depois de cada encontro promocional com os seus líderes. Tomar tempo para cheirar rosas é mais que um ditado interessante.

Defina seu ministério. Poucas prioridades, bem definidas e cuidadosamente preservadas, o guardarão contra pressões exteriores. Torne essas prioridades conhecidas de sua congregação. Meu médico particular faz isso. O horário de atendimento em seu consultório é bem definido. Ele me aguarda para a consulta e tem um protocolo para alguma emergência. Todo pastor deve fazer o mesmo.

Evite conversações tóxicas. Pessoas que criticam, acusam, condenam e ferem não devem tomar muito o seu tempo. Elas só servem para aumentar sua pressão sanguínea e, finalmente, encaminhá-lo para a solidão profissional. Você pode dizer: "Irmão (ou irmã) quando você se acalmar um pouco mais e puder falar de um modo equilibrado, sem ódio, acusações e críticas, estarei pronto para ouvir suas preocupações." Muitas pessoas roubam energia alheia. Não seja você uma de suas vítimas.

Seja franco. Quando membros de sua congregação ou administradores tentam manipular sua agenda, não fique sentado engolindo tudo passivamente. De maneira cristã, calma, cortês e cavalheira, exponha suas idéias. Estabeleça suas prioridades ministeriais. Diga qual é a sua filosofia de trabalho pastoral. Quando eu exponho francamente os meus pensamentos, preservo minha dignidade e percebo que as outras pessoas respeitam as minhas convicções.

Mude sua visão sobre a administração. Se você trabalha em uma função administrativa, jogue fora a idéia de que está aí para inventar programas e jogá-lo nos ombros dos pastores. Pode ser que um programa não se adapte a todos os contextos, lugares e realidades. Ao invés de impor um programa, por que não buscar descobrir os dons e a visão de cada pastor? Encoraje-os e habilite-os a exercitar seus dons e perceber sua visão. Meu pai costumava dizer que um trabalhador tem de vestir seu próprio macacão de trabalho.

Tive um presidente de Campo que incentivava os pastores a usarem seus dons. Ele não empurrava programas. Dizia-nos que tivéssemos nossos sonhos e tentássemos criativamente realizá-los. Apreciei de todo o meu coração esse líder. Anos depois, fui transferido para outra parte do país e, depois que aquele presidente jubilou-se, encontrei-o em Mineápolis. Ele sentou-se ao meu lado e disse: "Larry, tenho acompanhado seu trabalho durante anos. Quero que você saiba que fico muito feliz com o seu êxito. Conserve-o." Líderes desse tipo são verdadeiros antídotos contra a solidão profissional.

Faça amigos. Decida que não desempenhará o papel de guarda solitário. Seja amigo dos colegas de ministério. Faça arranjos para partilhar mutuamente o púlpito, conduzindo programações de reavivamento nas igrejas. Aproxime-se, se possível, dos pastores de outras denominações.

Tive um grande amigo, pastor da Igreja de Cristo. Quando ele enfrentava problemas em sua congregação ou em casa, procurava-me e conversávamos sobre o assunto. Partilhávamos livros um com o outro. Ele me encorajava a desenvolver a habilidade para escrever e eu o ensinava como conduzir seminários em diversas áreas. Conversávamos sobre nossa visão teológica, mas nunca nos maltratamos. Realizávamos seminários juntos e saíamos para comer. Estávamos evitando a solidão pastoral.

Mantenha seu relacionamento com Deus. Jesus experimentou solidão em Seu ministério terrestre; mas Ele buscou a intimidade com o Pai, durante o silêncio noturno. O Mestre também prezou o relacionamento com as pessoas à Sua volta. Relaxava na casa de Maria, Marta e Lázaro. Valorizou a companhia dos discípulos.

Os pastores fazem bem ao conservar esses relacionamentos em equilíbrio. Quando a solidão bate à porta, converse de coração a coração com Jesus. Ele conhece a solidão por experiência própria. Busque um amigo a quem possa abrir o coração. Analise as possíveis soluções, em lugar de concentrar-se no problema. Identifique as causas e fale calmamente com as pessoas envolvidas. A disposição de enfrentar o problema suavizará sua carga e a de seus colegas. 

As duas faces do perdão



WILSON BORBA

Diretor de Ministério Pessoal e Escola Sabatina da Associação Planalto Central, Brasília, DF

S seja no lar, na igreja, no trabalho, ou em qualquer outra situação da vida diária, a mensagem do perdão é tão necessária aos seres humanos, hoje, como o foi há dois mil anos.

O capítulo 18 do evangelho de Mateus apresenta o assunto do perdão. O contexto imediato é caracterizado pelo diálogo de Jesus com os discípulos, no qual o Mestre lhes ensinou que, caso não se convertessem e se tornassem como uma criança, de modo algum poderiam entrar no reino dos Céus.

Jesus Cristo enfatizava que, havendo uma contenda com um irmão, os discípulos deveriam tomar a iniciativa da reconciliação, com grande interesse e até acompanhados de testemunhas.

Tão importante foi o discurso e tal foi o impacto causado, que Pedro, impressionado com as palavras do Mestre, aproximou-se e perguntou-Lhe: “Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoarei? Até sete?” (Mat. 18:21). Certamente, o discípulo queria evidenciar ao Mestre sua compreensão e inteiro apoio à

“Perdão ... é o transbordamento do amor redentor que transforma o coração.”

mensagem de amor e reconciliação por Ele ensinada.

Embora os judeus geralmente considerassem que o limite da paciência terminava na terceira vez, Pedro propôs a Cristo, através de sua pergunta, um limite de perfeição absoluta; afinal, sete é o número bíblico da perfeição. Para sua surpresa, porém, Jesus lhe respondeu: “Não te digo que até sete vezes, mas até setenta vezes sete” (v. 22). Pedro deve ter ficado perplexo ao notar quão grande era o perdão que Cristo ensinava. Mas ele ainda estava por compreender a profundidade e a amplitude desse perdão.

O credor incompassivo

Geralmente, quando o Senhor pretendia confirmar e esclarecer uma importante verdade usava o recurso das parábolas. Na verdade era uma característica dos Seus ensinamentos. As parábolas funcionam como janelas que permitem a entrada de luz para um aposento. Então, para iluminar a compreensão de Pedro e dos demais ouvintes, sobre a necessidade do perdão, Jesus contou a parábola do credor incompassivo (Mat. 18:23-35).

Certo rei chamou para acerto de contas um servo que lhe devia a notável quantia de dez mil talentos. A

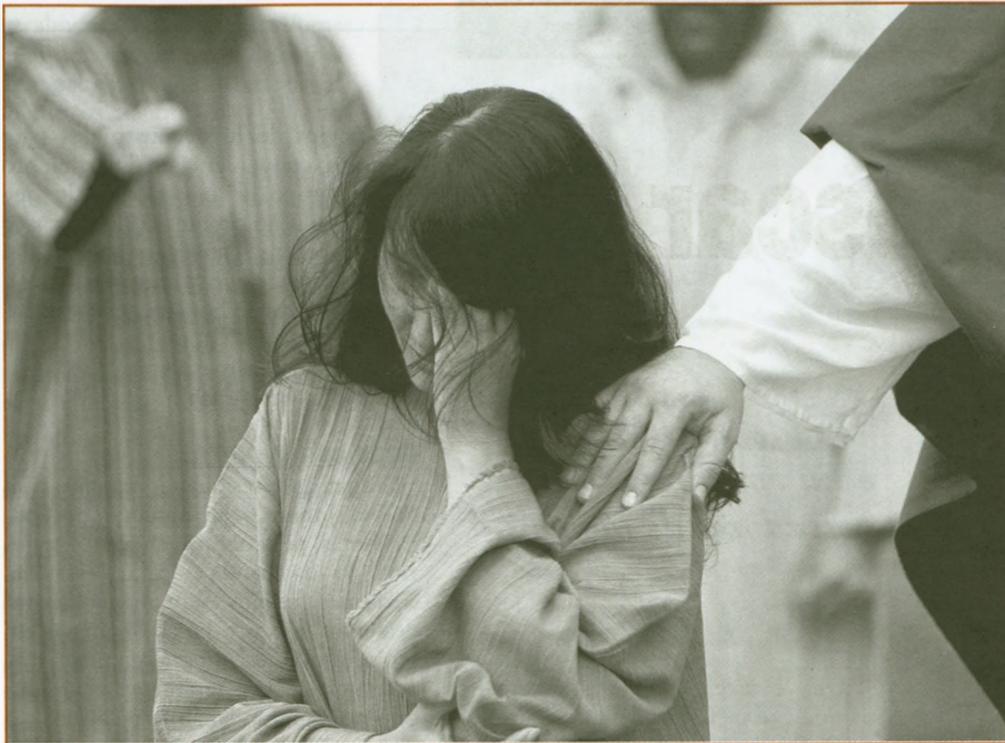
maior moeda nos dias de Cristo era a de um talento; variando, evidentemente, quanto ao tipo do material. Aceitando o peso médio de 49 kg para o talento, o débito consistia em 490 toneladas, ou seja, setenta toneladas vezes sete. Na realidade, um débito tão grande que tornava o pagamento uma impossibilidade total.

Em face do veredicto negativo, aquele servo, prostrando-se diante do rei, o reverenciava suplicando-lhe: “Sê paciente comigo, e tudo te pagarei” (v. 26) Vendo-se condenado, o devedor suplicou a misericórdia do rei. A palavra “paciente”, nesse versículo, é tradução do termo grego *macrotimia*, que também é utilizado como “generoso” e “compaixão”. O servo havia pleiteado para que o rei exercesse generosidade para com ele. “E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida” (v. 27).

Deus, o credor

O rei da parábola é uma clara representação de Deus. O servo lembra cada um de nós. O fato de o servo ser chamado perante o rei demonstra a realidade do juízo.

Nosso débito para com o Céu também era impagável, devido à enormidade da nossa pobreza espiritual. Por



isso mesmo, estávamos debaixo de eterna condenação. “Como está escrito: não há justo, nem um sequer, não há quem entenda, não há quem busque a Deus; todos se extraviaram, à uma se fizeram inúteis; não há quem faça o bem, não há nem um sequer” (Rom. 3:10-12). “Mas Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou” (Efés. 2:4), perdoou nossa elevada dívida.

Porém, as parábolas não têm como objetivo enfatizar todas as verdades do evangelho; mas apenas algumas. São, por isso mesmo, um recurso com limitações, que não deveria ser usado para originar doutrinas. A parábola do credor incompassivo, embora bela e eficaz em exaltar o perdão divino, não apresenta o seu custo. Se nossa vida é de um valor incomensurável aos olhos de Deus, muito mais o preço pago por Ele para nos facultar o perdão.

O valor do perdão que Deus nos tornou possível foi medido pela vida do Seu Filho unigênito. É-nos dito que “...Cristo morreu, uma única vez, pelos pecados, o justo pelos injustos, para conduzir-vos a Deus...” (I Ped. 3:18).

“Cristo foi tratado como nós merecíamos, para que pudéssemos receber o tratamento a que Ele tinha direito. Foi condenado pelos nossos pecados, nos quais não tinha participação, para que fôssemos justificados por Sua justiça, na

qual não tínhamos parte. Sofreu a morte que nos cabia, para que recebêssemos a vida que a Ele pertencia. ‘Pelas Suas pisaduras fomos sarados’” – *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 25.

A atitude do servo

Depois de ter sido perdoado, era de se esperar que o servo manifestasse o mesmo espírito para com seus semelhantes. Mas não foi isso o que aconteceu.

Alguém lhe devia cem denários. Considerando que um denário representava o salário do trabalhador por um dia de trabalho, a dívida era irrisória. O que lhe devia também lhe suplicou *macrotimia*, mas o servo ingrato não quis dar ouvidos; “antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida.” (Mat. 18:30).

O coração do servo não foi transformado. Teria porventura falhado o perdão do rei? Onde estava o problema? O rei era bom, seu perdão era autêntico; mas só teve efeito aparente. O problema estava com o servo, cujo endurecido espírito de justiça própria foi evidenciado na proposta “tudo pagarei”.

Devemos lembrar que o perdão divino tem duplo aspecto: inocentar o culpado e transformá-lo. Desse modo, ele estará apto a manifestar a mesma atitude com os seus semelhantes. Diz Ellen White: “O perdão, porém, tem sentido

mais amplo do que muitos supõem. ... O perdão de Deus não é meramente um ato judicial pelo qual Ele nos livra da condenação. É não somente perdão pelo pecado, mas livramento do pecado. É o transbordamento de amor redentor que transforma o coração.” – *O Maior Discurso de Cristo*, pág. 114.

O servo da parábola deveria ter dado demonstração de que experimentara a mudança operada pelo perdão do rei. Algumas pessoas contristadas por sua atitude relataram-na ao rei, que, indignado, o chamou e lhe disse: “Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti?

E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida” (Mat. 18:32-34).

Perdoado para perdoar

Não é em virtude da extensão da nossa dívida que corremos o perigo de ser considerados servos maus diante de Deus; mas por causa da nossa rebeldia em não querer imitar Seu exemplo de compaixão e perdão. Ao nos perdoar, o Senhor demonstra que não leva em conta o nosso passado, os tempos de ignorância, mas espera que O imitemos a partir do momento em que nos dá a conhecer o Seu caráter.

A parábola é clara ao ensinar que, no cristianismo, a pessoa se move de culpado para perdoado e de perdoado para perdoar. Infelizmente, muitos, a exemplo do servo ingrato, resistem e não dão o passo seguinte, ou seja, recusam-se a perdoar o próximo. Entretanto, tal como na parábola, quem quer que se recuse a dar o passo do perdão não permanecerá desfrutando as bênçãos da liberdade e voltará a ser prisioneiro da culpa.

Disse Jesus: “Assim também Meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão” (Mat. 18:35).

Como a verdadeira religião brota de Deus e do coração, o perdão é divino e deve ser praticado de coração. O padrão divino relativo ao perdão não é de quantidade, mas de qualidade.

Vamos pescar



DOUG BATCHELOR

*Orador do programa de televisão
Amazing Facts, Califórnia,
Estados Unidos*

Poucos anos atrás, minha esposa, Karen, e eu fomos ao Havaí em viagem de férias. Felizmente, temos bons amigos ali, Steve e Chris Boyd, que nos receberam e hospedaram em sua bela casa perto de Kona. Steve é um empreiteiro imobiliário, mas sua verdadeira paixão é a pesca. Ele possui um pequeno barco e está sempre pronto para usá-lo.

Embora eu não coma peixe, o fato de acompanhá-lo me permitiu desfrutar o sol e a água. Também devo dizer que depois de muitas excursões de pescaria com Steve e seus amigos, compreendi mais do que nunca por que Jesus disse que se nós O seguirmos Ele nos transformará em “pescadores de homens”.

Não importa quão ocupado Steve esteja com seu trabalho, ele sempre tem bastante tempo para pescar. É como se o trabalho de construção apenas servisse para alimentar o vício da pescaria. Todo cristão deveria ser um ferrenho adepto de pescaria espiritual. Qualquer que seja nossa profissão ou função, ela deve servir ao propósito de nosso empenho em levar pessoas a Cristo. Paulo fazia tendas, de modo que pudesse ter recursos para espalhar a mensagem e conquistar conversos.

*“Vinde após Mim,
e Eu vos farei
pescadores de homens.”*

Um verdadeiro pescador de homens não desiste facilmente. Quando Steve não tinha sucesso em um lugar, rumava seu barco para outro onde as perspectivas eram melhores. Algumas vezes, apanhávamos peixes enormes; noutras, menores. Mas Steve sempre recusava voltar para casa sem nada. Continuava tentando, até conseguir alguma coisa. Quem dera que fôssemos tão dedicados em pescar homens.

O barco é um instrumento

O barco de Steve já carregou toneladas de peixe, mas nunca vencerá um concurso de beleza. Ele se parece mais com uma caixa de ferramentas flutuante. Aproximadamente dez metros de fibra de vidro, uma grande caixa para peixes, além do motor, uma cadeira para o piloto e um viveiro de iscas. Nem mesmo um banheiro privativo existe além disso. Todo aspecto desse navio foi designado com o propósito de pescar.

Mas, embora o barco de Steve não seja bonito, está bem equipado com moderna tecnologia. Ele usa radar para peixes, bobinas hidráulicas e iscas sofisticadas.

Creio que esse deveria ser o modelo para nossas igrejas. Todos os nossos programas e planos deveriam girar em torno do objetivo de alcançar pessoas. Deveríamos estar desejosos e empenhados no uso de tudo o que se relacione com satélites para levar o evangelho às pessoas. Muitas igrejas não são mais

que navios de luxo construídos para conforto, conveniência e divertimento de um grupo de passageiros, do que uma tripulação produtiva de pescadores de homens. Paul Harvey certa vez nos advertiu de que “fomos chamados a ser pescadores de homens, não guardadores de aquário”.

“O fruto do justo é árvore de vida, e o que ganha almas é sábio” (Prov. 11:30).

Onde está o peixe

Algumas vezes quando saíamos com Steve, tínhamos que procurar, por longas horas, pelo oceano até encontrar o sinal do lugar onde os peixes estavam. Seria mais seguro e confortável se pudessemos deixar o barco ancorado em terra firme e pescar perto da praia; mas os maiores peixes sempre estavam longe e mais profundamente na água.

Não podemos permitir nossas igrejas se tornarem clubes exclusivos que se fecham para o mundo necessitado, num esforço para se isolar da contaminação, do desconforto e reais carências do povo comum. Devemos estar desejosos e nos esforçar para ir buscar o peixe onde ele está e trazê-lo. O mundo está faminto da verdade; devemos ir onde essa gente faminta se encontra.

Quando nos encontrávamos nas profundezas do mar, era muito comum que predadores marinhos tentassem frustrar nosso plano. Algumas vezes eles queriam comer nosso prêmio justamente antes que nós o puxássemos para o barco. Um habilidoso inimigo, buscando a quem possa devorar, sempre sabe quando atacar. Exatamente quando as pessoas estão tomando sua decisão ao lado de Cristo. Sempre que sabíamos haver alguns formidáveis monstros marinhos sob o barco, nunca nos atirávamos na água. Jamais alcançaremos pecadores juntando-nos a eles no estado pecaminoso em que se encontram.

Busca inteligente

Eu sempre ficava impressionado com a habilidade sobrenatural de Steve para encontrar o peixe em um desértico oceano. Uma forma simples pela qual ele fazia isso era observar os pássaros. Um bando de gaivotas ou outros pássaros marinhos mexendo na água,

geralmente significava cardumes de filhotes abaixo; e onde os peixes pequenos estavam, usualmente os maiores não estavam muito longe do local.

Da mesma forma, quando estamos envolvidos na pescaria de homens, necessitamos levantar freqüentemente os olhos e buscar a direção do Espírito Santo. Alguns lugares para onde o Espírito nos guia podem, a princípio, parecer improdutivos, mas onde Ele nos levar haverá peixes de todos os tamanhos.

“Porque o Senhor não vê como vê o homem. O homem vê o exterior, porém o Senhor, o coração.” (I Sam. 16:7).

Atraídos pela luz

Por alguma razão, sempre apanhamos a maioria dos peixes durante a noite. Sei como Pedro deve ter-se sentido quando disse “nós pescamos toda a noite...”. Porém, ao contrário da infrutífera noite de pescaria de Pedro, sempre conseguíamos apanhar muitos peixes durante a noite. Depois do pôr-do-sol, colocávamos uma lâmpada à prova d'água no mar, na parte posterior do barco. Não demorava muito e milhares de peixes, grandes e pequenos, estavam nadando em torno da luz. Em uma determinada noite, acidentalmente ela foi desligada. Os peixes foram a um barco vizinho no qual havia luz. Quando descobrimos o problema e ligamos o fio, a lâmpada acendeu e eles voltaram.

Se a luz de Cristo está brilhando através da nossa vida, as pessoas serão atraídas para onde nós estamos. Elas estão lutando para sair das trevas em direção à luz, tanto quanto os peixes do mar ou as mariposas que voam ao redor da lâmpada de um terraço numa noite escura. Sei perfeitamente o que Jesus queria dizer quando falou: “Assim brilhe também a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vossa Pai que está nos Céus” (Mat. 5:16). Conservar essa luz brilhando é o segredo para atrair pessoas a Cristo.

Métodos diferentes

Outra lição básica que eu aprendi da pescaria foi que cada espécie de peixe é atraído por iscas diferentes e técnicas



variadas. Alguns peixes são pescados com vara, anzol e linha. Outros são alcançados com a rede. Há os que se encontram na superfície do mar e os que vivem nas profundezas. Pescar com vara e linha é algo como dar estudo bíblico pessoal. Pescar com rede é semelhante a evangelismo público.

Uma regra, no entanto, é aplicada a todos os tipos de peixe: você não pode forçá-los a entrar no barco. Deve esperar até que eles parem de lutar, a fim de que possa puxar o anzol, ou então vai acabar quebrando a linha. Em minha última viagem de pescaria, no meio da noite, capturei um peixe com mais de dez quilos, num processo que durou 20 minutos de paciente espera. Da mesma forma, na pescaria de homens, às vezes necessitamos de um toque especial, paciência, ou então a linha quebrará e o peixe escapará.

Uma das melhores maneiras de pescar é usar um outro peixe como isca. Algumas vezes, Steve tomava um peixe pequeno, colocava-o no anzol e o jogava na água, na tentativa de pegar um peixe maior. Os novos conversos, com seu primeiro amor, são freqüentemente mais entusiasmados para falar a seus amigos e familiares do amor de Cristo. Para alcançar diferentes tipos de indivíduos, Deus usa todo tipo de pessoas

com uma variedade de dons. Todos podem ser usados por Deus, de alguma forma, para alcançar alguém.

A força da união

Certa vez conseguimos pescar um peixe tão grande e pesado que só foi possível colocá-lo no barco porque éramos quatro homens e trabalhamos juntos. Steve giou o barco, Jerry puxou a linha e prendeu-a no motor, Joel espantava os tubarões que tentavam se aproximar, fotografou e me ajudou a enrolar a linha. Estivemos os quatro trabalhando unidos para levantar o peixe e deitá-lo no barco. Depois, na praia, comemoramos nossa vitória.

A Bíblia nos diz que quando Pedro seguiu as instruções de Jesus e jogou sua rede mais uma vez, depois da noite de pescaria frustrante, não apenas seu barco ficou cheio, mas ele precisou chamar Tiago e João para ajudá-lo. Como resultado os barcos de ambos também se encheram e transbordaram.

“Então, fizeram sinais aos companheiros do outro barco, para que fossem ajudá-los. E foram e encheram ambos os barcos, ao ponto de quase irem a pique” (Luc. 5:7). Se o povo de Deus deixasse de lado o orgulho competitivo e trabalhasse unido pela salvação dos perdidos, fariamos muito mais do que temos feito. O sentimento deveria ser o mesmo alimentado por Paulo quando disse: “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus” (I Cor. 3:6).

Os pescadores são conhecidos por dar um colorido freqüentemente exagerado aos relatos de suas aventuras. Alguém já disse que “se Jesus puder fazer pescadores honestos, há esperança para toda pessoa”. A verdade é que eles sempre vibram toda vez que têm oportunidade para contar suas histórias.

Quanto mais intensa deve ser a alegria dos pescadores de homens quando, através dos séculos da eternidade, eles contarem suas histórias missionárias com a face radiante. “Os que forem sábios, pois, resplandecerão como o fulgor do firmamento; e os que a muitos conduzirem à justiça, como as estrelas, sempre e eternamente” (Dan. 12:3).

Ainda existe abundância de peixes no mar. Devemos ter mais pescadores de homens.



De frente com o inimigo



Divulgação

EMILSON DOS REIS

Professor no Seminário Adventista Latino-americano de Teologia, Engenheiro Coelho, SP

Um pastor tem muitas alegrias em seu trabalho, tais como ver pessoas se convertendo e sendo santificadas na verdade. Mas algumas vezes se depara com situações que podem ser muito desgastantes e pesadas. Isso ocorre em casos de disciplina eclesiástica, cerimônias fúnebres, ou quando tem de ajudar indivíduos possuídos por espíritos maus.

Neste artigo vamos analisar a tarefa de expulsar demônios quando a possessão fica evidente pela grande alteração de comportamento do indivíduo. Pouco se tem escrito sobre isso, talvez porque o assunto não é agradável e porque as Escrituras não dizem muito a respeito, embora apresentem alguns exemplos.

Nossas considerações estão baseadas na Bíblia, nos escritos de Ellen White e na experiência pessoal. Elas não pretendem esgotar o assunto, mas ajudar aos que porventura tenham de enfrentar tal situação.

Possessão ou doença?

Há pessoas que não crêem existir tal

“E quando os anjos todo-poderosos, revestidos com a armadura celeste, chegam em auxílio da fraca e perseguida alma, o príncipe das trevas e seus anjos recuam, sabendo muito bem que sua batalha está perdida.”

coisa como um ser humano ser totalmente controlado por agentes satânicos, e que, tais casos deveriam ser classificados como doenças mentais. Embora seja verdade que há certas enfermidades com sintomas um tanto semelhantes aos apresentados pelos que estão possuídos, não é possível explicar pela medicina ou pela ciência algumas demonstrações como extraordinária força física e o conhecimento, por vezes minucioso, de fatos secretos.

Nem sempre o possesso é muito falante, revela segredos ou demonstra possuir uma força descomunal; mas, pelo que temos observado, quando alguém está de fato endemoninhado, fica extremamente furioso e violento quando Cristo é exaltado, seja na leitura de um texto sagrado, seja numa oração ou no cantar de um hino. Já quando o indivíduo possui uma doença qualquer que o perturba, ele não reage diante da exaltação de Cristo.

Quem fica possesso

O inimigo não pode se apossar de qualquer pessoa que ele queira. Se isso fosse possível, o mundo teria se tornado, há muito tempo, num gigantesco manicômio. Para que aconteça a possessão, é necessário que o indivíduo se

entregue a ele, o que comumente é feito pouco a pouco, quando segue suas sugestões para fazer o mal. Assim, um filho de Deus jamais poderá ficar possesso, porque sua vontade foi e permanece rendida a Cristo. “O tentador jamais nos poderá compelir a praticar o mal. Não pode dominar as mentes, a menos que se submetam a seu controle. A vontade tem que consentir, a fé largar sua segurança em Cristo, antes que Satanás possa exercer domínio sobre nós. Mas todo desejo pecaminoso que nutrimos lhe proporciona um palmo de terreno. Todo ponto em que deixamos de satisfazer à norma divina, é uma porta aberta pela qual pode entrar para nos tentar e destruir.”¹

Comentando o caso de um endemoninhado com o qual Jesus Se deparou, Ellen White declara: “A causa oculta da aflição... achava-se em sua própria vida. Fora fascinado pelos prazeres do pecado, e pensara fazer da própria vida um grande carnaval. ... Julgou poder gastar o tempo em extravagâncias inocentes. Uma vez no declive, porém, resvalou rapidamente. A intemperança e a frivolidade perverteram-lhe os nobres atributos da natureza, e Satanás tomou sobre ele inteiro domínio. ... Colocara-se no terreno do inimigo, e



Satanás tomara posse de todas as suas faculdades.”²

Algumas vezes é possível nos depararmos até com crianças possesas. Certa feita, um pai se aproximou de Jesus e disse: “Mestre, trouxe-Te o meu filho, posseso de um espírito mudo; e este, onde quer que o apanha, lança-o por terra, e ele espuma, rilha os dentes e vai definhando” (Mar. 9:17 e 18). Jesus, Se dispondo a ajudar o menino, ordenou que o trouxessem. “E trouxeram-lho; quando ele viu a Jesus, o espírito imediatamente o agitou com violência, e, caindo ele por terra, revolvias-se espumando. Perguntou Jesus ao pai do menino: Há quanto tempo isto lhe sucede? Desde a infância, respondeu; e muitas vezes o tem lançado no fogo e na água, para o matar; mas, se Tu podes alguma coisa, tem compaixão de nós e ajuda-nos” (vs. 20-22).

Julgamos que uma criança é muito inocente para se entregar ao maligno e que, nesses casos, a causa encontra-se nos pais. Por uma vida iníqua ou por atitudes imprudentes colocam seus filhos sob o poder do maligno. “Muitos professos cristãos, neste século e nação, recorrem aos maus espíritos em vez de confiarem no poder do Deus vivo. Velando ao pé do leito de enfermidade de seu filho, a mãe exclama: ‘Não posso fazer mais nada. Não haverá médico que possa restaurar meu filho?’ Contam-lhe as maravilhosas curas realizadas por algum vidente ou operador de curas pelo magnetismo, e ela confia seu querido aos cuidados dele, colocando-o tão cer-

tamente nas mãos de Satanás como se ele lhe estivesse ao lado. Em muitos casos, a vida futura da criança é regida por uma força satânica, que parece impossível quebrar.”³ Precisamos trabalhar também com os pais, de modo que a causa do mal seja removida pelo poder de Deus.

Autoridade

Uma pessoa pode ser possuída por um ou mais demônios. O menino posseso, curado por Jesus, fora controlado por um demônio (Mar. 9:25 e 26), Maria Madalena fora possuída por sete (Mar. 16:9), enquanto o geraseno fora dominado por uma legião (Luc. 8:30). Além disso, as hostes espirituais do mal estão distribuídas em várias ordens (Efés. 6:12; Col. 2:15), de maneira que alguns demônios são mais poderosos do que outros e, por isso, parecem ter maior capacidade de resistência para abandonar sua vítima.

Em Seu trabalho, Jesus curou muitos endemoninhados (Mat. 8:16), o que era uma forte evidência de ser Ele o Messias esperado. Isafas profetizara a Seu respeito: “O Espírito do Senhor Deus está sobre Mim, porque o Senhor Me ungiu ..., enviou-Me a ... proclamar libertação aos cativos e a pôr em liberdade os algemados” (Isa. 61:1). Ele fora ungido com o Espírito Santo e com poder. Por isso, possuía autoridade sobre os demônios. Tal autoridade foi compartilhada com Seus discípulos quando, por ocasião da escolha dos doze, Jesus lhes deu autoridade para expelir de-

mônios (Mat. 10:1). O evangelho de Lucas acrescenta que essa autoridade foi “sobre todos os demônios” (Luc. 9:1). Posteriormente, quando de Sua ascensão, ela foi estendida aos demais seguidores, a fim de que a empregassem no cumprimento da missão (Mar. 16:15-17).

Portanto, temos à nossa disposição todo o recurso necessário para enfrentarmos os anjos maus e alcançarmos a vitória. Por isso, quando formos colocados frente a frente com alguém posseso não há o que temer. São os demônios que devem tremer na presença de um filho de Deus, porque “a mais débil alma que permaneça em Cristo é mais que suficiente para competir com o exército das trevas”⁴ e “ao som da fervorosa oração todo o exército de Satanás treme”.⁵

Como expulsar

Há pessoas que são mais dominadas do que outras; pessoas nas quais a manifestação é mais frequente. Temos observado que alguns têm crises uma vez por semana; outros, diariamente. Outros, ainda, várias vezes por dia. Contudo, em nenhum caso o indivíduo fica posseso o tempo todo. Todos os endemoninhados passam períodos em que há maior lucidez.

Comentando o caso de um endemoninhado que apareceu num sábado na sinagoga onde Jesus estava, Ellen White escreve que “em presença do Salvador, um raio de luz lhe penetrara as trevas. Foi despertado, e ansiou a libertação do domínio do maligno; mas o demônio resistia ao poder de Cristo. Quando o homem tentou apelar para Cristo em busca de auxílio, o espírito mau pôs-lhe nos lábios as palavras, e ele gritou em angústia de temor. O posseso compreendia em parte achar-se em presença de alguém que o podia libertar; mas, ao tentar chegar ao alcance daquela poderosa mão, outra vontade o segurou; outras palavras encontraram expressão por

“O tentador jamais nos poderá compelir a praticar o mal. Não pode dominar as mentes, a menos que se submetam a seu controle.”

meio dele. Terrível era o conflito entre o poder de Satanás e seu próprio desejo de libertação”.⁶

Também discorrendo sobre o episódio que resultou na libertação dos endemoninhados gadarenos, ela assevera que Cristo “ordenou com autoridade aos espíritos imundos que saíssem deles. Suas palavras penetraram no espírito entenebrecido dos desventurados. Percebiam, fracamente, estar ali Alguém capaz de salvá-los dos demônios atormentadores. Caíram aos pés do Salvador para O adorar; mas, ao abrirem-se-lhes os lábios para suplicar-Lhe a misericórdia, os demônios falaram por eles, gritando fortemente: ‘Que tenho eu contigo Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Peça-Te que não me atormentes’”.⁷ Portanto, mesmo o mais

possesso dos homens ainda pode perceber quando alguém se dispõe a ajudá-lo e pode desejar ser liberto.

Para que um possesso volte à normalidade, é imprescindível que outra pessoa atue como instrumento de libertação nas mãos de Deus. Esta precisa seguir a recomendação bíblica: “Sujeitai-vos,

portanto, a Deus; mas resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tia. 4:7). Assim, antes do diabo fugir, é necessário que resistamos a ele, e, antes disso, é preciso que nos submetamos a Deus. A Bíblia nos apresenta o exemplo de pessoas que tentaram expelir demônios sem, contudo, estarem submissas a Deus. o resultado foi um grande fiasco (Atos. 19:13-16). Até os discípulos passaram por essa humilhante experiência. Eles, que já haviam expelido demônios, viram frustradas suas tentativas de libertar um menino possesso. Mais tarde, depois de Cristo haver curado o garoto, indagaram ao Mestre: “Por que não pudemos nós expulsá-lo? Respondeu-lhes: Esta casta não pode sair senão por meio de oração [e jejum]” (Mar. 9:28 e 29).

Imediatamente antes desse episódio, Cristo escolhera apenas três discípulos e os levava ao cimo do monte no qual, à vista deles, fora transfigurado. Os outros nove haviam permanecido ao pé do monte. “As palavras de Cristo com respeito a Sua morte, haviam produzido tristeza e dúvida. E a escolha dos três discípulos para acompanhar Jesus ao monte despertara os ciúmes dos nove. Em vez de robustecer a fé pela oração e meditação das palavras de Cristo, demoraram-se em seus desânimos e agravos pessoais. Foi nesse estado de sombras que empreenderam o conflito com Satanás.”⁸ “Sua incredulidade, que lhes vedava ter mais profunda simpatia para com Cristo, e a desatenção com que olhavam a sagrada obra a eles confiada, tinham causado o fracasso no conflito com os poderes das trevas.”⁹

Assim, no momento em que os nove foram procurados pelo aflito pai, os discípulos estavam envoltos em trevas, apartados da comunhão com Deus e, por isso, fracassaram. A oração, num espírito humilde e submisso, lhes daria a vitória. Quando somos completamente submissos a Deus, estamos em condição de resistir ao maligno. A única maneira de se fazer isso é apelando para o nome de Jesus. “Torre forte é o nome do Senhor, à qual o justo se acolhe e está seguro” (Prov. 18:10). “Satanás treme e foge diante da mais débil alma que se refugia nesse nome poderoso.”¹⁰

“Satanás não suporta que se apele para seu poderoso rival, pois teme e treme diante de Sua força e majestade. Ao som da fervorosa oração todo o exército de Satanás treme. Ele continua a chamar legiões de anjos maus para conseguir seu fim. E quando os anjos todo-poderosos, revestidos com a armadura celeste, chegam em auxílio da fraca e perseguida alma, o inimigo e seus anjos recuam, sabendo muito bem que sua batalha está perdida.”¹¹

Temos visto os demônios fugirem quando Jesus é exaltado, seja na oração, seja na leitura da Bíblia, seja no cantar de um hino. Contudo, de acordo com os exemplos bíblicos, deve-se repreender os demônios e, em nome de Jesus, ordenar que eles saiam (Luc. 4:33-36; 8:27-29; 9:42; Mar. 16:17; At. 16:16-18). Em alguns casos, a pessoa fica liberta instantaneamente. Em outros, os demônios relutam em se afastar.

Mesmo quando Jesus ordenava que saíssem, havia demônios que demoravam-se tentando argumentar, resistir e exibir sua força (Mar. 5:6-13; 9:25 e 26). Havendo resistência, deve-se perseverar na luta, até que o último demônio se dê por vencido, o que pode levar algumas horas.

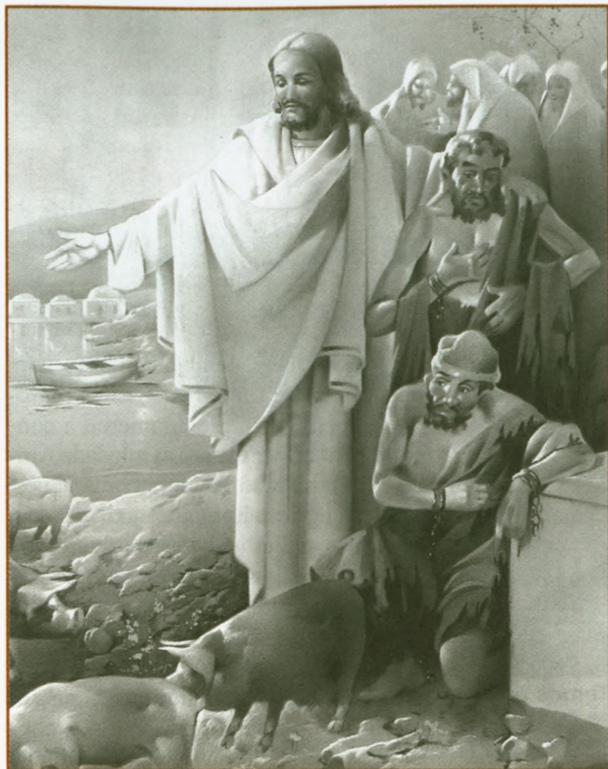
O demônio na igreja

A maior parte das vezes em que um pastor se depara com um endemoninhado parece ser nas reuniões da igreja. Mesmo que o possesso vá à reunião com o sincero desejo de buscar ajuda, as intenções de Satanás são outras. Em Lucas 4:31-36, encontra-se o relato de que Cristo estava numa sinagoga, num sábado, ensinando Sua doutrina, e que ali estava também um homem possesso o qual começou a bradar em alta voz. Então, “a atenção do povo se desviou de Cristo, e Suas palavras não foram escutadas. Tal era o desígnio de Satanás em levar a vítima à sinagoga”.¹²

Sabendo que o objetivo do maligno é desviar a atenção de Cristo e do evangelho para si, não devemos permitir de modo algum que ele tenha êxito. Sugerimos que é melhor que alguns irmãos conduzam o possesso imediatamente para uma das salas contíguas à nave principal e que ali se proceda ao trabalho de expulsão, enquanto segue a programação da igreja. Essa tarefa de remoção certamente não será fácil nem agradável. Porém, se vários irmãos se unirem, por mais forte e violento que o inimigo pareça, será possível a retirada. É necessário que, se o possesso estiver agressivo, outros o segurem e que o pastor fique livre para dedicar-se aos aspectos espirituais.

Cuidados especiais

Assim como há espíritos mudos, há os que são muitos falantes. Ninguém deve, movido pela curiosidade, fazer perguntas a Satanás nem dar crédito às suas palavras. Não esqueçamos que elas sempre têm o intuito de confundir, desviar, levar à perdição. Para tanto, ele pode misturar informações verdadeiras com falsas. Algumas vezes o demônio dirige-se a alguém e diz: “você é meu porque faz isto ou aquilo”. Muito cuidado! Pode ser verdade que o tal comportamento seja errado, pode não ser. Se não for, alguns serão enganados, comentarão com outras pessoas, o que resultará em confusão na igreja. Se, toda-



do Céu o maligno. Satanás regozija-se quando lhe engrandecemos a força. Por que não falar em Jesus? Por que não exaltar Seu poder e Seu amor?"¹⁵

Mesmo quando Lúcifer se encontrava em seu estado de pureza junto ao trono do Altíssimo, havia um abismo de diferença entre ele e o Filho de Deus. Um era criatura e o outro era criador. Não há como compará-los em tempo de existência, em sabedoria, em poder. Cristo é infinitamente mais poderoso do que todos os demônios juntos. É compensador estar ao seu lado. Lembremos sempre disso.

Depois da libertação

Cristo ensinou que um indivíduo libertado pode voltar a ficar possesso. "Quando o espírito imundo sai do homem, anda por lugares áridos procurando repouso, porém não encontra. Por isso, diz: Voltarei para minha casa donde saí. E, tendo voltado, a encontra vazia, varrida e ornamentada. Então, vai e leva consigo outros sete espíritos, piores do que ele, e, entrando, habitam ali; e o último estado daquele homem torna-se pior do que o primeiro" (Mat. 12:43-45).

Tal situação não depende do servo de Deus a quem Ele usou no processo de libertação, mas das escolhas do próprio indivíduo libertado. A garantia para que isso não volte a ocorrer é não deixar a casa vazia; é convidar Cristo para nela habitar; efetuar entrega completa da vida ao Seu domínio.

Por essa razão, e porque logo após a libertação o indivíduo se encontra extremamente fatigado, física e mentalmente, recomendamos que aquele que expulsou os demônios procure se colocar no lugar da pessoa libertada, fazendo uma oração de completa entrega a Deus, que será repetida por ela. Isso deve ser feito imediatamente após a libertação. "Quando a alma se rende inteiramente a Cristo, novo poder toma posse do coração. ... A alma que se rende a Cristo, torna-se Sua fortaleza,

mantida por Ele num revoltoso mundo, e é Seu designio que nenhuma autoridade seja aí conhecida senão a sua. Uma alma assim guardada pelos seres celestes, é inexpugnável aos assaltos de Satanás."¹⁶

Maior atividade

Por meio do dom profético, somos advertidos de que no grande e prolongado conflito entre o bem e o mal destacam-se dois períodos em que as forças do mal estão em maior atividade: os dias do ministério de Cristo e os dias finais da história humana. "O período do ministério pessoal de Cristo entre os homens foi o tempo de maior atividade das forças do reino das trevas. Durante séculos, Satanás e seus anjos haviam estado procurando controlar o corpo e a alma dos homens, para trazer sobre eles pecados e sofrimento; depois acusara a Deus de toda essa miséria. Jesus estava revelando aos homens o caráter de Deus. Estava a despedaçar o poder de Satanás, libertando-lhe os cativos. Nova vida e amor do Céu moviam o coração dos homens, e o príncipe do mal despertou para contender pela supremacia de seu reino. Satanás convocou todas as suas forças, e a cada passo combatia a obra de Cristo.

"Assim será na grande batalha final do conflito entre a justiça e o pecado. Ao passo que nova vida e luz e poder descem do alto sobre os discípulos de Cristo, uma vida nova está brotando de baixo, e revigorando os instrumentos de Satanás."¹⁷ Por isso, enquanto nos aproximamos do fim, podemos esperar maiores e mais frequentes demonstrações de possessão demoníaca, sabendo, contudo, que nossa vitória é certa. "O Senhor dos Exércitos está conosco; o Deus de Jacó é o nosso refúgio" (Sal. 46:11).

M

Referências

1. *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 125.
2. *Idem*, pág. 256.
3. *Testemunhos Seletos*, vol. 2, págs. 52 e 53.
4. *O Grande Conflito*, pág. 530.
5. *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 121.
6. *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 255.
7. *Idem*, pág. 338.
8. *Idem*, pág. 431.
9. *Idem*, págs. 430 e 431.
10. *Idem*, pág. 431..
11. *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 121.
12. *O Desejado de Todas as Nações*, pág. 255.
13. *Mensagens Escolhidas*, vol. 1, págs. 278 e 279.
14. *Testemunhos Seletos*, vol. 1, pág. 411.
15. *O Desejado de Todas as Nações*, págs. 493.
16. *Idem*, pág. 324.
17. *Idem*, pág. 257.

via, o que ele disser for correto, poderá haver outro problema. Alguns passarão a evitar o procedimento, mas o motivo será a informação diabólica, e não porque Deus, Sua palavra ou um servo Seu afirmaram. Somos inclinados a questionar tal tipo de "obediência".

Comentando a primeira tentação que Jesus enfrentou no deserto, Ellen White escreveu: "Esperava Satanás provocar o Filho de Deus, levando-O a empenhar-Se em controvérsia com ele; e esperava que, assim, em Sua fraqueza extrema e agonia de espírito, alcançasse vantagem sobre Ele. ... O Salvador do mundo não teve controvérsia com Satanás, que... era capaz de qualquer engano."¹³ Ela também, aconselha: "Nossa única segurança é não dar lugar ao diabo; pois suas sugestões e intuições são sempre para nos prejudicar e impedir-nos de nos firmar em Deus. ... Não é seguro entrar em discussão ou parlamentar com ele."¹⁴

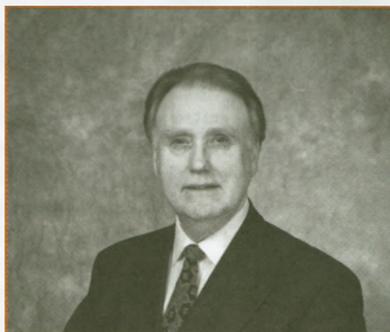
Outro cuidado que todos devemos ter é o de pensar e falar mais em Jesus, em Seu poder e amor e menos em Satanás. "Há cristãos que falam demais sobre o poder de Satanás. Pensam em seu adversário, oram a seu respeito, falam nele, e ele ayulta mais e mais em sua imaginação. É certo que Satanás é um ser poderoso; mas, graças a Deus, temos um forte Salvador, que expulsou

Presidente fala à Igreja

Numa teleconferência realizada no dia 3 de janeiro com aproximadamente três mil líderes denominacionais e leigos, em seis continentes, o Pastor Jan Paulsen, presidente da Associação Geral da Igreja Adventista, fez votos de que a Igreja “esteja bem e que o Senhor seja o ponto de atração” em todos os planos e metas preparados para este ano.

Aproveitando as possibilidades abertas pela tecnologia da comunicação, o líder adventista transmitiu sua mensagem pessoal numa série de seis chamadas telefônicas de 12 minutos, cobrindo todos os fusos horários. Ele foi ouvido em lugares tão diversos quanto Mongólia e Jamaica, Paquistão e Israel, Bolívia e Iraque. No Brasil, estima-se que pelo menos 100 pessoas fizeram parte da teleconferência.

Em sua mensagem, o Pastor Jan Paulsen compartilhou seus desejos para a Igreja mundial, no início do novo ano. Referindo-se aos três principais valores da Igreja Adventista do Sétimo Dia – crescimento, unidade e qualidade de vida –, ele falou da importância de os líderes tirarem tempo para cuidar de suas próprias necessidades espirituais. Também referiu-se à fundamental tarefa de claramente articular a visão e a missão da Igreja junto a seus membros. “É importante que esta visão direcionada à missão não morra ou precise ser redescoberta toda vez que sigamos um novo rumo ou elejamos novos dirigentes. A visão de que precisamos está na Bíblia e nos escritos de Ellen White.”



Pastor Jan Paulsen: “Temos uma missão a cumprir numa cultura secular e multi-religiosa.”

Envolvimento

Paulsen apelou para a ampliação dos vários ministérios dentro da Igreja. “Estou me referindo particularmente às responsabilidades e papéis que atribuímos à juventude em geral, aos jovens profissionais e às mulheres em nossas igrejas”, especificou. Segundo o presidente, a “energia criativa” desses grupos não pode ser desperdiçada. “A igreja precisa deles. Tirem-nos dos assentos de espectadores e permitam que ajam. Permitam-nos liderar a vida da igreja”, exortou.

O presidente também apelou para que a Igreja se torne mais visível na sociedade em geral. Ele enumerou a contribuição adventista à sociedade, incluindo educação, saúde, liberdade pessoal e religiosa, justiça e ajuda aos pobres, nos países em desenvolvimento. “Mas, além desses fatores, temos uma mensagem procedente de Deus para transmitir, e isso certamente deve nos tornar ousados e claros expositores.”

Reconhecendo as limitações da comunicação de via única, Paulsen convidou os dirigentes a se comunicarem e responderem a ele diretamente. “Precisamos saber como as pessoas, nos diferentes países, encaram a Igreja, pois temos uma missão a cumprir numa cultura secular e multi-religiosa”, disse ele.

Concluindo sua mensagem, ele afirmou: “Os últimos três ou quatro meses têm sido muito inquietantes para o mundo inteiro. A despeito disso, espero que sejamos capazes de encarar o futuro sem ansiedade. A Igreja vencerá. Não porque sejamos tão magnificamente capazes, mas simplesmente porque isto é do Senhor.”

AES terá batismos realizados por anciãos

Dividir responsabilidades para a “multiplicação evangelística” resume a estratégia missionária do ano para a Associação Espírito-Santense, AES. Essa foi a idéia defendida pelo Pastor Maurício Lima, presidente do Campo, ao divulgar o dia 30 de junho deste ano, como a data do “batismo do ancião” a ser realizado com autorização especial.

O projeto envolve, também, pastores e líderes que, em oito municípios da área metropolitana de Vitória, irão realizar 50 séries evangelísticas. Além disso, o Espírito Santo foi dividido em nove regiões para efeito de treinamento de liderança. O novo plano foi anunciado durante o encontro de aproximadamente dois mil anciãos e a distribuição de kits, contendo o detalhamento do programa, revistas e manuais.

Pastor supera mil batismos por ano

Batizar mais de mil pessoas anualmente já se tornou um feito comum para o Pastor Manuel Perez Aldave, da Missão Oriente Peruana. Tendo iniciado suas atividades ministeriais há 22 anos, o Pastor Aldave lidera um distrito com 3.300 membros distribuídos em 25 congregações.

A razão do seu êxito é atribuída ao trabalho dos pequenos grupos. São 200 estabelecidos por todo o distrito, funcionando graças ao entusiasmo e perseverança dos seus líderes e membros. Mas o pastor também faz a sua parte. Começa a visitar membros e interessados na mensagem às quatro horas da manhã, porque, segundo ele mesmo, é a hora em que pode encontrar a maioria das pessoas em casa. Às nove da manhã, encerra essa fase do trabalho.

Sempre acompanhado por um ancião, o Pastor Aldave re inicia a visitação as 20h00, indo até as 22h00. Duas vezes por mês, reúne toda a liderança para avaliar o trabalho feito, planejar, orientar, e celebrar as vitórias.



Pastor Manuel Perez Aldave



Anciãos e líderes capixabas

Marcaram presença os Pastores Jonas Arrais e José Sílvio Ferreira, secretários ministeriais respectivamente da Divisão Sul-Americana e União Este-Brasileira. A tônica das palestras foi a necessidade de uma vida consagrada a Deus para a eficácia do testemunho. E em sessões interativas, o Pastor Alberto Timm, professor de Teologia Histórica no Unasp, avaliou a importância do papel da liderança voluntária no cumprimento da missão da Igreja.

Para pensar

*Senhor,
Rogo-Te mais e mais,
Quer seja com vento ou com fogo,
Que purifiques os desejos
mais íntimos do meu coração,
E elimines os desperdícios
que se aderem
persistentemente ao solo.*

*Desejo Teu caminho;
Porém, quando quiser
surgir em mim o próprio eu,
E desejar algo diferente,
Então, ó Deus Santo,
toma Tua espada e
Tua lança e mata esse desejo.*

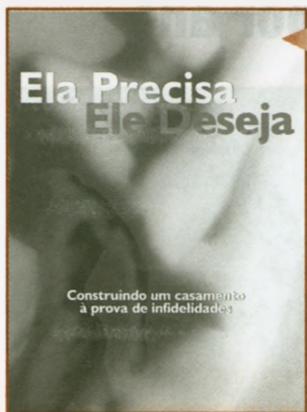
*Permanece junto a mim,
Amor paciente dos pacientes,
até que, por Tua graça,
Neste perecível vaso de barro,
Brilhe Teu rosto radiante,
com clareza e serenidade.*

Amy Carmichael

HUMOR



“Pastor, sei que é difícil conhecer cada pessoa pelo nome, em uma igreja tão grande como esta e com tanta coisa para fazer. Porém, quero me apresentar: sou sua esposa.”



ELA PRECISA, ELE DESEJA – Wil-lard F. Harley Jr., Editora e Distribuidora Candeia, Rua Domingas Galleri Blotta, 148, Jd. Santa Cruz, 04455-330 São Paulo, SP, 275 páginas.

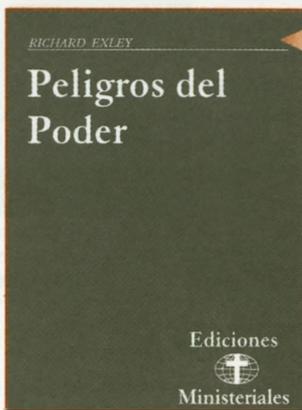
editoracandeia@candeia.com.br,

Desde que foi publicado nos Estados Unidos pela primeira vez, em 1986, *Ela Precisa, Ele Deseja* esteve várias vezes no topo da lista dos livros mais vendidos sobre casamento. Segundo a opinião dos críticos, este livro contém “o que o homem e a mulher precisam saber para suprir as necessidades emocionais um do outro no casamento”. O autor é psicólogo e conselheiro matrimonial. Já escreveu vários livros sobre vida familiar, tendo um *website* muito procurado que é www.marriagebuilders.com



DIEZ QUE SE FUERON – Fred Cornforth e Tim Lale, Asociación Casa Editora Sudamericana, Av. San Martin 4555, B1604CDG Florida Oeste, Buenos Aires, Argentina; 126 páginas.

Por que as pessoas deixam



PELIGROS DEL PODER – Richard Exley, Associação Ministerial da Associação Geral da Igreja Adventista do Sétimo Dia, 12501 Old Columbia Pike, Silver Spring, MD 20904, U.S.A., 110 páginas.

Neste livro, o Pastor Richard Exley se dirige especialmente aos pastores, em termos claros e diretos, naquilo que pode ser considerada uma poderosa advertência contra os males que rondam o ministério cristão nos dias atuais. Mais que isso, revela a forma de salvaguardar os pastores contra fracassos futuros. Exley tem acumulado uma rica experiência como pastor, escritor, orador radiofônico e palestrante de seminários e concílios. Depois de ter servido à Igreja Assembléia de Deus, por mais de 26 anos, atualmente se dedica a escrever e fazer palestras.

VEJA NA INTERNET – www.fazendahomepage.cjb.net

Aí está um bom *site* mantido por jovens de uma igreja local, no caso, da igreja do bairro Fazenda, Itajaí, SC. A página “Reflexões” contém textos que podem servir como subsídios para sermões e palestras. Excelente material também é encontrado nas páginas relacionadas com J.A., Desbravadores e Aventureiros. As duas últimas, na realidade, são *links* para outros *sites*. Outros ótimos *links*: “Saúde” (textos, testes e informações da página do Centro Adventista de Vida Saudável, Cavs) e “Estudos” (cursos bíblicos *on-line*).

Em termos de prestação de serviços, o *Fazenda Homepage* oferece ainda: Meditações Matinais, Mini-chave Bíblica, Busca de textos bíblicos, cadastro de jovens que querem namorar, etc. Um ponto negativo são algumas imagens que seguramente foram obtidas ilegalmente, disponibilizadas junto com outras numa “Galeria de Imagens”. – Márcio Dias Guarda, editor de mídia digital da Casa Publicadora Brasileira.





Divulgação

JONAS ARRAIS

Secretário ministerial associado
da Divisão Sul-Americana

Trabalhar para a Igreja é um privilégio; mas, participar do seu crescimento deveria ser a nossa grande prioridade. Quando falo em crescimento de igreja refiro-me ao seu desenvolvimento financeiro, geográfico, espiritual, cognitivo e numérico. É bonito contemplar uma igreja crescendo de maneira saudável e equilibrada em todas essas áreas. Quando isso ocorre, ela passa a ter mais recursos financeiros, mais congregações são estabelecidas, os membros ficam contentes e se tornam mais sábios após cada culto a que assistem, e participam na conquista de novos crentes.

É importante salientar que o crescimento numérico da Igreja (batismos) é a principal razão da sua existência. O desejo de Deus é ver Sua igreja crescendo numericamente, pois, cada número que é acrescido corresponde a uma pessoa que deixa o mundo de pecado e aceita a Jesus como seu Salvador pessoal.

Normalmente, quando o assunto do crescimento numérico da Igreja é abordado, diferentes reações ocorrem e opiniões muitas vezes se conflitam. Alguns são levados a dar ênfase na quantidade; outros, apenas na qualidade. Mas a experiência tem demonstrado que quantidade e qualidade podem andar juntas. Isso é possível e reflete a vontade de Deus.

O que faz uma igreja crescer? Por que algumas igrejas crescem e outras, não? Creio que pastores, líderes e membros desejam o crescimento. Alguns hoje trabalham para descobrir qual o melhor método ou estratégia para uma igreja crescer. Parece haver uma procura por uma metodologia milagrosa ou fórmula que, aplicada, provoque um crescimento explosivo. Motivados por esse desejo, alguns procuram igrejas que estão crescendo para

copiarem o que elas estão fazendo ou as estratégias usadas. Nessa busca apaixonada por algum “método mágico” não percebem os princípios básicos que produzem tal crescimento.

Podemos hoje encontrar, no mundo das religiões cristãs, muitas igrejas trabalhando com diferentes métodos e estilos. Algumas delas estão focalizando o uso de uma liturgia mais contemporânea e tecnológica. Outras estão atraindo pessoas através de cultos carismáticos e pentecostais. Uma grande rede de trabalho através de pequenos grupos tem sido usada por outras. E ainda há aquelas que tentam se manter tradicionais em sua programação e sonham um dia crescer.

O mais impressionante é que, apesar



A Igreja é um organismo vivo que está destinado a crescer.

de algumas igrejas estarem usando bons métodos, elas não estão crescendo. Podemos concluir que métodos e estratégias por si só não fazem uma igreja crescer. Copiar um modelo que está funcionando em um determinado lugar não é garantia de que vai funcionar em outro lugar.

No livro *Desenvolvimento Natural da Igreja*, Christian Schwarz considera que, embora possamos imitar um modelo particular de igreja, deveríamos estudar muitas igrejas para descobrir os princípios universais que são relevantes para o seu crescimento. Um modelo é um conceito com o qual alguma igreja,

em algum lugar do mundo, tem experimentado um crescimento positivo. Um princípio é alguma coisa que se aplica a todas as igrejas em todos os lugares.

A Bíblia oferece excelentes exemplos de princípios que podem ser aplicados. Por exemplo: “Considerai como crescem os lírios do campo” (Mat. 6:28); “O reino de Deus é assim como se um homem lançasse a semente à terra; depois, dormisse e se levantasse, de noite e de dia, e a semente germinasse e crescesse, não sabendo ele como. A terra por si mesma frutifica: primeiro a erva, depois, a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga. E, quando o fruto já está maduro, logo se lhe mete a foice, porque é chegada a ceifa” (Mar. 4:26-29). “Eu plantei, Apolo regou; mas o crescimento veio de Deus” (I Cor. 3:6).

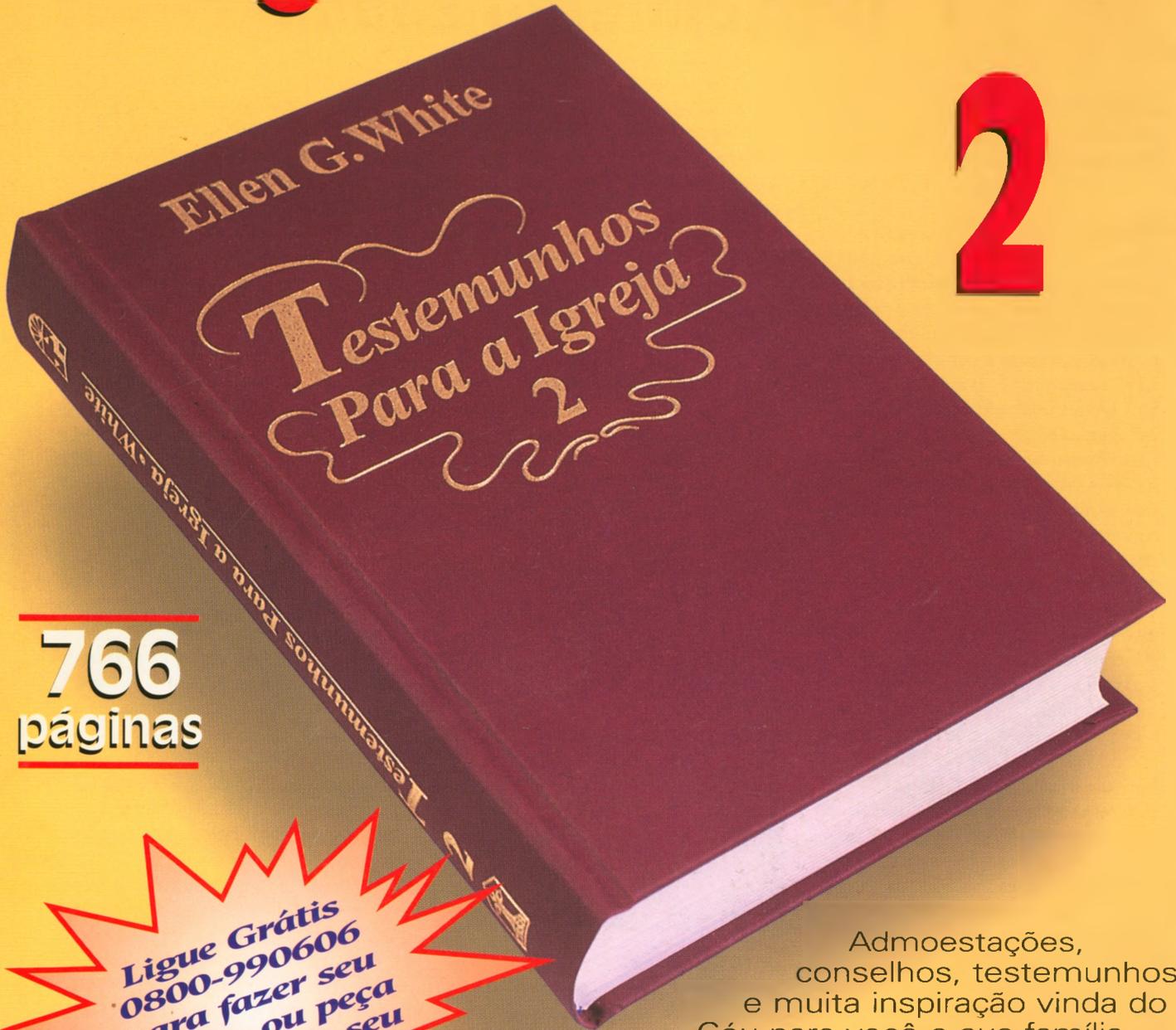
Somos encorajados pela Palavra de Deus a observar, estudar e aprender como as coisas crescem no mundo natural. Não podemos simplesmente olhar o fruto sem procurarmos compreender como ele é produzido. Quando olhamos a natureza, vemos o Senhor dando vida para que tudo cresça e se desenvolva. Há coisas que podemos fazer e coisas que não podemos fazer em crescimento de igreja. Podemos, por exemplo, arar o solo, lançar a semente, regar a terra e, no devido tempo, colher o fruto. Mas não podemos adiantar o fruto ou fazê-lo crescer. Somente Deus pode fazê-lo.

A Igreja também não pode ser vista como uma máquina que pode ser programada. Ao contrário, é um organismo vivo que está designado para crescer por si mesmo, se atendidas suas necessidades básicas. Por isso, é importante entender os princípios que Deus usa para propiciar tal desenvolvimento.

A expressão chave para a igreja do século 21 é “igreja saudável” e não “crescimento de igreja”. Quando uma igreja é saudável, ela cresce naturalmente em todas as áreas e de maneira equilibrada. Está sua igreja crescendo? **M**

Chegou o volume

2



766
páginas

Ligue Grátis
0800-990606
para fazer seu
pedido, ou peça
ao SELS de seu
Campo.

Admoestações, conselhos, testemunhos e muita inspiração vinda do Céu para você e sua família. O volume 2 de *Testemunhos Para a Igreja* não pode faltar em sua biblioteca. Peça o seu hoje mesmo. E se você ainda não tem o primeiro volume, aproveite para encomendar os dois.



CASA PUBLICADORA BRASILEIRA

Caixa Postal 34 - Tatuí, SP - CEP 18270-970 - Tel.: (15) 250-8800 - Site: www.cpb.com.br